

nicolau

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPrensa OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ



ANO I - Nº 6

SÉRGIO R. SOSSÉLLA ELIFAS ANDREATO **JORGE CANESE** LÍVIO ABRAMO
EMIR MANCIA **JOSÉ LUIZ MERCER** MARINHO GALLERA **WALMOR MARCELLINO**
FERNANDO SABINO WERNECK CAPISTRANO **ADHERBAL FORTES** TELMA SERUR
ORLANDO AZEVEDO **VILMA SLOMP** SÉRGIO SANDERSON **ELIANE EME SATO**
JOÃO ANTÔNIO WILSON BUENO **RUY WACHOWICZ** JOÃO MANUEL SIMÕES
CRISTINA FAUQUEMONT **JAIRO PEREIRA** ROBERTO GOMES **ALBERTO PUPPI**
CLÁUDIO SETO CAÍTO QUINTANA **PAULO FURIATTI** ROBERTO MARTINS
CASSIANA CAROLLO **CELINA ALVETTI** SÉRGIO DÔLIVEIRA **SÉRGIO MOURA**
VERA ANDRION REJANE DE MEDEIROS CERVI **HARATON MARAVALHAS**
ÁLVARO BORGES JR **NICOLAU ABRÃO F.º** CARLOS HAPNER **JAQUES BRAND**

editorial

Ao atingirmos a marca do sexto número de *Nicolau*, com circulação mensal nunca interrompida, por dever de consciência — pessoal e intransferível — somos espontaneamente levados a um depoimento, necessário em todos os sentidos: neste meio ano de trabalho cotidiano e incansável, fomos a singular testemunha de que vivemos efetivamente um tempo de liberdade sem precedentes em nosso processo histórico.

Jamais, em nenhum momento, até aqui, da trajetória *Nicolau* — que já se firma como publicação cultural de superlativa importância no país — sofreremos qualquer tipo de pressão, procedente de qualquer instância ou escalão do Governo, mesmo porque, em caso contrário, nos recusaríamos a subscrever a publicação que se quer um espaço aberto e democrático, única forma capaz de refletir o hoje e o agora da criatividade de nossa gente.

Tal depoimento, no editorial de um veículo patrocinado pela iniciativa oficial, dá bem a mostra de que não devemos nos furtar a consignar a verdade, sob pena de cairmos no círculo viciado e vicioso da omissão — erro imperdoável dos que não conseguem (ou não querem) enxergar a História de frente.

Wilson Bueno

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

Governador
ALVARO DIAS

Secretário de Estado da Cultura
RENÉ ARIEL DOTI

Diretora da Imprensa Oficial do Estado
GILDA POLI

Publicação mensal
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ

Tiragem: 162.500 exemplares
Distribuição gratuita.

Curitiba, dezembro de 1987
Ano I — N.º 6

Editor
WILSON BUENO

Editor-assistente
JOSELY VIANNA BAPTISTA

Revisão
ZELIA SERENO

Programação Visual
LUIZ ANTONIO GUINSKI
RITA DE CÁSSIA SOLIERI BRANDT

Redação: Rua Emano Pereira, 240
Curitiba — Paraná — CEP 80410
Tel.: (041) 225-7117
Telex: 416245

Os conceitos emitidos nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, não refletindo necessariamente a opinião deste jornal.

A editoria de *Nicolau* se reserva o direito de publicar ou não matérias não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.

nicolau



CAPA: desenho
de ELIFAS ANDREATO

PAINEL



PERGUNTEM A ELES

Pesquisa realizada nos EUA mostrou que o público interessado em teatro, música clássica e balé não excede 2% da população da maioria das cidades. Considerando que Curitiba tem (tem?) um padrão cultural semelhante às cidades norte-americanas, encontramos um público potencial de 25 mil pessoas — o bastante para lotar o Guairão e outros teatros da cidade sempre que houver um bom espetáculo.

Vinte e cinco mil não é um número absurdo. Pode ser colocado num computador, depois que esses heróis da cultura forem localizados entre os grupos de educação superior e de renda mais alta. E depois que forem divididos entre os que gostam de música aleatória ou de ópera, de balé moderno ou de grupos folclóricos, do que está na moda ou do que vale para sempre.

Gostaria de ver nosso público catalogado. Mas, desde já vou apostando que à sombra dos pinheiros mora um dos melhores públicos do Brasil sensível, inteligente, bem educado. Perguntem a ele o que deseja ver e ouvir e teremos a melhor programação do Brasil.

Adherbal Fortes Jr. — jornalista

AS LIÇÕES DO PROFESSOR FICARÃO

Dias de prova na Faculdade de Direito da Federal. O professor Carlos Eduardo Manfredini Hapner distribui as folhas e, antes de passar às questões, refere-se ao desaparecimento recente do professor José Lamartine Corrêa de Oliveira, morto em decorrência de complicações surgidas no curso de uma cirurgia do coração. Hapner, da nova geração de juristas, conta com orgulho que Lamartine foi seu professor: um grande mestre do Direito, respeitado nas mais ilustres universidades do mundo, e ainda assim, ou por isso mesmo,

perseguido e acossado pelos bolsões de persistente mediocridade e reacionarismo que ainda se alojam em nossa brava escola. Lamartine, o lutador das causas árduas da liberdade. Um homem que acendeu uma luz durante a noite da ditadura. Passamos às provas. Já à tarde, na redação do *Nicolau*, Wilson Bueno decide reabrir de qualquer maneira a edição do número de dezembro para abrigar algumas linhas, mínimas que sejam, sobre o guerreiro caído no alto do caminho. Ligo no mesmo instante para Hapner, peço-lhe essas linhas, ciente de que o jovem advogado se escusaria identificando nomes do círculo íntimo de Lamartine para essa tarefa. Mas estes, com certeza estariam feridos para além das palavras. Infelizmente o texto chegará à redação tarde demais. Faço eu mesmo este registro, com a clara consciência de que apenas dou frágil voz a um sentimento geral de grande perda. Antes o fizesse Hapner, antes Assis Corrêa, antes ainda Francisco José Ferreira Muniz. Os sinos, porque nenhum homem é uma ilha, e Lamartine menos que muitos, dobram por nós.

Jaques M. Brand — jornalista



O PMDB VOLTA ÀS ORIGENS

Em 1966 o regime militar, com o objetivo de dar um aspecto de democracia à ditadura, fez nascer o MDB como oposição formal.

No entanto, à medida que o regime foi erodindo, o MDB tornou-se uma alternativa de resistência das forças populares.

Quanto mais se tornava alternativa concreta de poder, mais foi "ocupado" por forças conservadoras que, se de um lado assumiam o discurso reformista, por outro articulavam a contenção dos avanços pretendidos.

A partir da Aliança Democrática avanços políticos — como eleições diretas para prefeitos das capitais, fim da

censura, convocação da Constituinte, formação de novos partidos, legalização dos partidos comunistas — foram alcançados, mas o modelo econômico; tão combatido, ficou intacto.

Sem as reformas a crise continuou gerando nova instabilidade. Tem ainda o PMDB — apesar do desgaste — uma formidável organização de base, sendo fundamental, por parte dos autênticos, o imediato resgate de suas propostas.

Para que isso aconteça, só havendo luta política, e essa tem apenas um caminho: ELEIÇÕES DIRETAS em 1988, a única saída capaz de preservar a democracia nascente.

Paulo Furiatti — deputado estadual



PAINEL DE PAPAÍ NOEL

Prezado leitor, licença para entrar no seu jornal. Me apresento: Werneck — publicitário, peladeiro e artista prático. Nas barbas do *Nicolau*, quero apenas deixar um presente para você. Aceite meu PAINEL de Papai Noel — um *kit* de Natal e Ano Novo.

Instruções para uso:

- 1 — Faça xerox do cavalinho. Vários. Recorte, depois, no pontilhado.
- 2 — Escreva o poeminha (*) atrás de cada xerox.
- 3 — Remeta, em carta simples, a todos os amigos e amigas.
- 4 — Fique feliz.

(*) *O soldadinho e seu cavalinho precisam chegar ao front.*

Se af com você estiver tudo bem, tudo em paz, passe-o adiante.

Werneck Capistrano — publicitário

HAICAI EM MARINGÁ

Quando o Wilson Bueno, em Paranavaí, pediu pra que eu escrevesse sobre o haicai em Maringá e disse que deveria ser um texto curto, pensei em criar um haicai em prosa e inaugurar

o gênero, em virtude da brevidade do espaço.

A experiência da síntese poética em três versos já aportou por aqui há algum tempo e a concisão deu leveza e graça à cidade, apesar de ainda existirem grupos que, descaradamente retrógrados, evitam e combatem a velocidade cotidiana da poesia.

Flávia de Angelis, Sérgio Roberto, Flávio, Nailor Jr., eu, Marco A-C e mais alguns outros temos levado no peito a quebra da mansidão poética que reina há séculos aqui, mas o poemamínuto, estalo, de impacto, acaba por superar tudo e registrar em pequenos *flashes* o claro-escuro da cidade que meio alheia a tudo segue o curso do seu rio.

O que vem do fundo da tradição japonesa e deveria ser *hai-kai*, aqui sofreu, a princípio, uma pequena variante para haio cai em Maringá. Depois da tempestade, a tempestade?!

Roberto Martins — poeta



PARANÁ CANTA SUAS ORIGENS

A sensibilidade do Secretário René Dotti e sua equipe nos faz acreditar que finalmente o Paraná entendeu que não há cultura própria enquanto não houver incentivo para a divulgação de nossas raízes.

Vamos viver no próximo ano o grande momento dos festivais nativistas, reunindo numa grande final em Curitiba os melhores compositores e intérpretes de nosso Estado. A iniciativa é digna da maior expectativa e do mais sólido apoio. O Paraná começará a cantar as suas origens.

Vi, no Rio Grande do Sul, uma das maiores transformações culturais daquele Estado, através dos inúmeros festivais nativistas lá realizados, que enfocaram as músicas comerciais para mostrar ao Brasil as verdadeiras tradições do povo gaúcho. Espero ver o Paraná cantando a sua história e os nossos artistas reconhecidos, não pelo *lobby*

das gravadoras, mas pelos aplausos dos paranaenses e pelo apoio de nossos veículos de comunicação. Espero ver o fim dos festivais mercantilistas, para ver o início do apoio como premiação, para que a letra escrita pelo poeta anônimo ganhe harmonia e voz do intérprete, cantando as raízes de um Paraná que tem muito a contar para o Brasil.

Caíto Quintana — deputado estadual



NA PAUTA DO NICOLAU

O Nicolau tem sua pauta.

A Música tem suas notas. Sete brancas, cinco pretas. Tem tempo forte, tempo fraco. Tempo. Tem umas que têm muito tempo. (Bueno, Bueno. Aqui tem coisa. Ouvi "Lindo Rincão". Vou aprender.)

Muito embora a enarmonia dominante no país em escala geral, apesar dos contratempos e regência sem concurso, nossa música popular segue, grave ou prestíssimo, com suas vozes e matizes que cantam todas as épocas e lugares. Sons do povo, com ornamentos ou não. Movimentos de aproximação, de afastamento, ou repouso. Talvez estejamos em compasso de espera, armando na cabeça e no coração aqueles acordes maiores, cheios de alterações que irão soar bem, com certeza.

Pausa.

Aí, o menor quis saber se as rádios e televisões americanas também tocam música brasileira o tempo todo. De sensível, chegou à Tônica.

O Nicolau tem sua pauta. Tem armadura. (Bueno, Bueno, aqui tem coisa. Ouvi "Lindo Rincão". Vou aprender.)

Gravando. Lá vem a contagem. É curta a introdução. Vamos nós. Fazendo fita, trilhando os vários padrões, ligados pelas afinidades, combinando os doze tons (deve ser bom ser vizinho do Tom), transpondo os modos, seguindo o andamento, experimentando as inversões, isso todo dia, senão não

adianta, em busca daquilo que só pode fazer bem a todos. Harmonia.

(Ao *Nicolau*, com repetição.)

Marinho Gallera — músico

ESTÉTICA E CULTURA

O Núcleo de Estética da SEEC: pensar a cultura segundo a ótica da sensibilidade, acaba de completar um ano de atividades, ocasião em que foram lidas passagens de *O Banquete*, de Platão.

Composto hoje por sete membros — Carlos Manuel Rodrigues do Nascimento, Vera Lúcia Didonet Thomaz, Genésio de Siqueira Júnior, Humberto Mezzadri, Jarbas José Santos Schünemann, Oscar Fergütz, além de mim — esta Equipe Qualitativa de Trabalho reúne-se semanalmente para duas horas de reflexão. Cada integrante, a cada reunião, expõe temas relativos a artes visuais e arquitetura, patrimônio cultural, literatura, filosofia, teatro e música, abordados através de textos selecionados e inseridos eventualmente por pessoas convidadas que atuam nas referidas áreas do saber, dentro de uma perspectiva multidisciplinar de cultura.

Sérgio Dóliveira — filósofo

É ISSO AÍ, NICOLAU

Já são tantos mil exemplares! Assim como tantos mil *Nicolau*, como tantos mil José, Walter, Maria ou Thelma... cada qual cumprindo ou imprimindo um papel, e que papel!

Papel muitas vezes incompreendido, outras tantas perdido, mas, digamos, cada qual vivido, infundindo uma razão, uma bandeira.

Nicolau lembra o Papai Noel, que lembra presentes, Natal, festas... época em que as pessoas são mais cordiais, trocam cartões e são fraternos e compreensivos e, por que não dizer, lembra também o 13.º salmário.

É isso aí... *Nicolau* surgiu para apenas dar espaço a todos aqueles que acreditam na arte, na literatura, no cinema, na música, na poesia, na cultura de nosso "povo vitorioso", naquilo que faz tantos mil José, Walter, Maria ou Thelma... sonharem, realizarem, viverem com mais amor, sentirem que estão cumprindo o seu papel, papel que somado aos demais irá resultar no que vivemos... é isso aí!

Que *Nicolau* ajude, tenho certeza de que sim, a ser cada vez mais que isso aí... Milhões e milhões de tantos fulanos agradecem!

Nicolau Abrão Filho — estudante

NÓS DO NOROESTE

Emir Mancia



Com a carta de alforria no bolso, representada pelo ato que concedeu a aposentadoria, e a certeza do feijão garantido, me restavam três opções de vida: vestir pijama e envelhecer depressa junto da televisão, ouvindo o plim da Globo, discutindo os problemas nacionais com os cotovelos roçando a dose cavalari de uísque no bar do Martelo, ou continuar a advocacia na concorrência cada vez maior de nossa velha Curitiba de guerra ou ainda, juntar os trens, mulher e filhos e tentar outra cidade, de porte menor, onde a experiência adquirida, a beira de calçada vivida, dariam condições pra enfrentar a guerra do dia-a-dia.

A primeira, de vestir pijama, foi descartada de pronto. Alguns de meus melhores amigos, da mesma faixa de idade, deixaram de fumar, de beber, de churrasco gordo e hoje vivem naquela de cuidar dos triglicerídeos e do colesterol, da pressão alta, do excesso de peso, do açúcar, da ameaça de infarto.

Entraram firmes na macrobiótica, nas longas caminhadas (cuidado o ladrão, cuidado o ladrão), nas yogas da vida, nos insípidos restaurantes vegetarianos, administrando o peso e os recursos dos vencimentos que vão minguando pela inflação. Um sacó.

A segunda, de batalhar Curitiba, mesmo sendo daí, de quatro costados, senti que não dava mais. Descaracterizaram muito minha cidade. Num prazo muito curto sumiram símbolos e pontos de referência como o Kosmos e o Poty, o Cinco de Maio e o Morguenau, o Operário do Ahú e o Espartano, os Atletibas de antanho, com as guerras na Baixada e no Alto da Glória. Cadê o *pot-pourri* do Bar Paraná, a empada do Olímpio, o filé do Palácio, o risoto do Vagão do Armistício, a costela da Tupá e da Água Verde, a buchada do Marcassa, a pizza da Guairacá? Onde a Uda, a Ávila, a Otilia? Me expliquem da Manhattan, do Gogó da Ema, do *Moulin Rouge*. E o Táxi Dance da Caverna do Curitibaano,

pelo menos os Chás Dançantes de Engenharia, as brigas no Círculo, o Treze de Maio, o Operário do Edgar, os bailes de carnaval do Coritiba. Por acaso tem *trottoir* na Marechal Deodoro? O Zé Pequeno toca ainda nas bibocas do Inflamável? O Prado que era o Prado foi ao Taramã... Esse foi um tempo justo e sem frescuras.

Na minha adolescência e juventude — pra citar rivalidade daí — os alunos do Colégio Iguassu (assim, com dois esses) davam porrada na turma do Santa Maria, sempre que desfilavam suas lindas bicicletas nos Sete de Setembro, bem enfeitadinhas, coloridas, ganhando sempre. Depois grandes batalhas campais. Nós do Iguassu íamos buscar o Fogo Simbólico na Ribeira e entregávamos na Garuva. Assim mesmo, no pé. Quase duzentos quilômetros, alternando corrida. Quem desmaiava recebia do Bob Albizu, ou do Mondrone, a lança-perfume ou conhaque, pra revigorar. Já no futebol eram melhores, principalmente quando seminarista apitava o jogo. A qualidade do ensino na cidade era boa, do primário ao científico, nas escolas públicas e particulares. Não precisava cursinho. Tinha banca para o vestibular oral em todas as áreas. Havia o orgulho do CPOR, e depois dele o *chopp* da Cometa, o uísque do bar Americano. Profissionais liberais de boa qualidade. Médicos, aqueles de clínica geral. Nessa época acho que foi no *La Ronde* (onde mesmo tocava o Breno Sauer?) que ouvi pela primeira vez o nome de Paranavai. Algum coronel do café, de uruguaia a tiracolo, antes das geadas dos anos 70. Ficou a vontade de conhecer, os anos passaram com a velocidade de ver filho de fralda e logo casando, até a revolução passou, passou mas doeu, né? e quando começaram a chamar o Bigorrrilho de Champagnat, estava bem na hora de ir embora. Na boca um gosto ardido de não jogar no primeiro time e a torcida para os que continuam tentando, principalmente aquela turma de amigos que teima, que põe a cara nos jornais, nos ambulatórios

médicos, odontológicos, nas ancestrais empresas de pequeno porte, nas repartições e bancas de advocacia. Pé na estrada, falecida classe média.

PARANAVAI, afinal

Em Paranavai, única cidade do Paraná sem jogo do bicho (saudades das fezinhas), depois da geada negra que dizimou oitenta por cento dos cafezais, ocorreu que muitos desistiram da terra, vendendo, trocando ou largando seus sítios e fazendas, partindo para Minas, São Paulo ou Mato Grosso, o último Eldorado. A mão-de-obra abundante — foi colhido muito feijão e milho no arruamento do café — também se mandou. Ficaram os sobreviventes. Replantando o café em alguns casos, mas a maioria partindo para a pecuária, de menos riscos, hibernando a quarenta graus uma potencialidade extraordinária em cítricos — poderia abastecer o mundo, se houvesse estímulo e plantio — milho, feijão, mandioca e o próprio café. Só que ninguém mais quer correr riscos desnecessários, com lavoura branca. A última tentativa, com o plano cruzado, arrancou de vários sítios o seu pedaço de terra, penhorado em financiamentos para aquisição de tratores e implementos agrícolas, desiludindo outra vez a crença na lavoura. Planta-se quase só para renovar as pastagens. É um jogo bruto, do capitalismo selvagem. Superando tudo isso, porém, existe o amor à região, dos que ficaram, e é igual Curitiba do final dos anos cinquenta, fora o calor de quarenta graus à sombra. Assim, meio provinciana, meio polaca, onde se pode deixar o automóvel estacionado com os vidros abertos sem grandes riscos, com um índice de delinquência muito baixo, onde você é conhecido e aceito, com ou sem talão de cheque especial. Não a imaginem, porém, como uma cidade rural do sul dos Estados Unidos, preconcituosa, como as narrativas de Steinbeck em *As vinhas da ira* e *A Leste do Eden*. Paranavai é uma cidade atípica onde convivem políticos, sem-terra, a pastoral, a UDR, os apolíticos, que é aberta a movimentos culturais — artistas plásticos, poetas, músicos — de comércio forte, pólo de vinte e tantos municípios semelhantes e que sofre um mínimo de influência de Maringá, distante apenas 70 quilômetros mas de características totalmente diversas. Fazer julgamento do comportamento de uma cidade não é fácil. Nos tempos atuais está cada vez mais difícil estabelecer parâmetros de vida, de lógica, de certo ou errado, com esse salário mínimo de sessenta dólares, uma geração inteira comprometida por educação deficiente, ou sem ela, com problemas de saúde, alimentação, moradia, mercado de trabalho.

Talvez por isso seja mais simples, mais cômodo, para quem pode, fugir da pesada e ficar aqui, à distância do centro maior, usufruindo essa aparente tranquilidade enquanto o caldeirão vai fervendo e os valores morais, sociais, culturais mudam rapidamente.

Só não nos acreditem fracos. Nós no noroeste, com essa infra-estrutura pronta, estradas, eletrificação, recursos naturais e ainda a técnica de manejo de solos da região, com os filhos dos antigos pioneiros, logo à testa dos negócios, depois dos estágios nas faculdades af de Curitiba e de São Paulo, já teremos cacife para participar do jogo. Falta a ginga política, a liderança, a proximidade do poder. Com tempo chegaremos lá. Nós, no noroeste.

Emir Mancia, advogado, é autor de *Rastros escolhidos* (Paranavai, Mil e Dez, 1987).

PAPAI NOEL DESCE AO INFERNO

Walmor Marcellino

(Esta é a terrível história dos enganos cometidos pela pessoa de Papai Noel: humilhado e ofendido pelos saduceus foi recebido e honrado pelos profetas.)

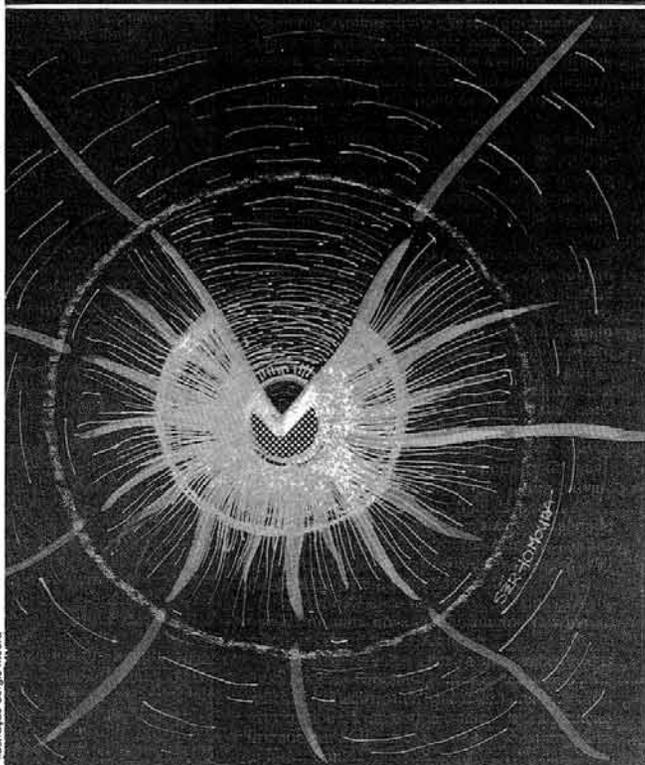


Ilustração Sérgio Moura

Papai Noel estava magoado com a vaia dos pobres. Os operários do bairro do Portão não quiseram receber os presentes e, o que é pior, chutaram-lhe o saco, depois de derrubá-lo no chão.

As encomendas eram pequenas porque quase todo mundo estava roendo beira de penico; o custo de vida vinha subindo muito e os salários, descendo. Mesmo assim, com as tarefas reduzidas, Papai Noel estava cansado e cometia enganos terríveis. Aquelas festas natalinas não eram brincado. Conhecia muitos papais-noéis de mentirinha que tinham abandonado a profissão e saíam procurando uma rena ideal para a tranqüilidade de seus dias.

Papai Noel já estava roendo as unhas, com o sistema nervoso que nem vidro de automóvel batido. Se alguém chegasse por trás e fizesse: Bu!, os pedaços de Papai Noel se desmanchavam pelo chão. Muito nervoso, por duas vezes havia comprado, na farmácia, anti-concepcional, ao invés de tranqüilizante.

As coisas se sucederam rapidamente. Papai Noel chegou na rua Voz Divina às 9 horas da noite, com o saco cheio. Aproveitava para fazer as entregas 15 dias antes do Natal, sabendo que os pais escondiam os presentes para entregar no dia certo, cedinho. Mesmo ele não gostava de deixar as coisas para última hora, porque na semana do Natal havia uma inflação de papais-noéis, e as pessoas acabavam confundindo-o com as imitações.

Quando começou a entrega não percebeu que aquele saco era destinado ao bairro fino do Batel e os robôs, metalhadoras, trenzinhos e carros elétricos, passas, bolos, panetones e outros doces finos foram distribuídos, até que alguém protestou: — Não é meu, eu não pedi, é muito caro! Ai, Papai Noel deu um tapa na testa e exclamou: — Com seiscentos borzeguins e algumas insígnias!

A coisa não ficou assim: um operário pensou que aqueles presentes iam ser descontados do salário ou do Fundo de Garantia depositado no banco; a mulher de outro bolou que a prefeitura tinha inventado novo acaque; e houve um menino mais vivo achando que tudo ia somado com a matrícula ou a taxa escolar. Um velho considerado meio louco afirmava que os presentes vinham dos Estados Unidos e o dinheiro

seria cobrado depois e remetido para o Vietnã.

Nesse clima de incompreensão geral, começou a juntar gente e quando Noel ia saindo da casa de um pelego — por sinal, presidente do Sindicato da Construção Civil, por nome Ananias — a criançada já estava reunida em frente.

— Papai Noel fajuto!

Ora, aquilo era demais. Passava o ano todo como escrevente de São Pedro, fazendo o registro diário dos bons e dos maus (para que na hora da morte o velhinho não trocasse as bolas, mandando um pobre para o inferno e um rico para o céu, sem passar com a agulha pelo furo de um camelo), lidando com o borrador e o livro-razão... E justamente quando estava cumprindo a tarefa mais linda e difícil:

— Papai Noel fajuto!

— Puxa-saco de rico!

— Fajuto! Fajuto! Fajuto!

Em desespero de causa, decidiu

ganhar a platéia, com um discurso: — Proletários, uni-vos!... Mas nesse momento um guarda-noturno apitou seguidas vezes, tirando-lhe a iniciativa. Choveram pedras sobre ele, e quando tentava fugir um velhote distraído lhe calçou o pé, derrubando-o. Foi pisado, chutado, desmoralizado.

— Fajuto! Vigarista!

— Vá-se entender! Quando eu levava matéria plástica, porcarías, um que outro reclamava; às vezes, até alguém me ofendia. Geralmente, porém não se irritavam, não ofendiam, mansos, resignados. Tomaram a riqueza por deboche; quiseram me linchar. Foi terrível. Se eu não tenho pernas de atleta, ai de mim...

Mateus, Isaías, Ezequiel, Malaquias, Verônica e Madalena ouviram em silêncio, enquanto a água para o café fervia numa latinha, e a fumaça corria toda para cima de Papai Noel. Verônica estava com a blusa dele, e lhe ficava muito bem a boca vermelha

e o esparadrapo bem branco com as pontas encarnadas; dava-lhe um tom festivo, apesar do olho fechado. Ela bebera um pouquinho demais e caíra de cabeça no meio-fio. Madalena espantava os mosquitos da ferida na perna e certamente estava usando uma calcinha da seda vermelha de Noel. Malaquias emborrachara-se, tomando meia garrafa de álcool com água e a bolota do gorro que pertencera a Noel oscilava na frente do rosto, dando-lhe um ar sinistro.

— Você não serve para Pai Noel — sentenciou Isaías, apoiado por um menear de cabeça de Ezequiel. Malaquias também se manifestou: — Bobagem; pão com banha!, nada mais falou, desconhecendo-se o sentido de sua crítica.

Limpando as mãos na calça, Isaías continuou, imperturbável: — Papai Noel não deve ser preto nem branco. Noel não deve ser magro, mas também não pode ser gordo, como tem por aí. Antes de tudo, porém, Noel não pode ser injusto. Isso ninguém tolera mais, homem!

— Quem bate não sente; quem apanha não esquece! Os justos sentem a injustiça! Baixa o vestido, Madalena, que está mostrando o que não deve — disse Ezequiel.

Madalena afirmou que sua intenção não era exibir-se conforme parecia; estava apenas mostrando suas calças vermelhas novas. — Não estou vendendo o peixe! — concluiu, amuada.

Malaquias, então, se levantou e, oscilando terrivelmente, olhou para os céus. Com os punhos cerrados, bradou: — Estou com fome! Tenho muita fome. E sentou-se prostrado.

— É delírio — considerou Madalena, levando um pouco de querosene ao nariz de Malaquias, para reanimá-lo. Olhou para Noel e disse: — Agora que você está acabado, pode vir morar com a gente.

Verônica concordou: — Quem não é gente nem lenda pode morar com a gente. Toma uma pinga, Noel.

Walmor Marcellino é autor de *Boa noite* (colêctânea, 1954), *Os subterfúgos* (teatro, 1960), *A guerra camponesa* (teatro, 1967), *O caracol e a borra* (contos, 1974), *Contabulário* (1980), *As Almas* (teatro, 1986), *Alguns dias* (teatro, 1987).

NEWTON FREIRE-MAIA:

entrevista a Telma Serur

QUEDA DE BRAÇO COM O ABSOLUTO



Foto: Hariton Maranhães

O que é um cientista? Um ser semi-automatizado, sempre enfiado num laboratório bolorento, falando um idioma ininteligível para um limitado círculo de pessoas igualmente esquisitas? Newton Freire-Maia, professor da Universidade Federal do Paraná e um dos nomes mais considerados no campo da Genética em todo o mundo, põe definitivamente por terra esses preconceitos. Por trás da simplicidade característica dos mineiros, dos quais também herdou a calma e a ponderação, esse homem de 69 anos, amante incondicional da arte e da filosofia, apaixonado por sua própria atividade, revela um ser humano recheado de sensibilidade. Autor de 430 trabalhos científicos publicados em mais de 15 países, responsável, juntamente com colegas, pela descrição de 20 afecções até então desconhecidas pela Genética e pela Medicina, cientista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Comissão Nacional de Energia Nuclear, Fundação Rockefeller e da Organização Mundial de Saúde, entre outros, além de conferencista em dezenas de países, Freire-Maia, nesta entrevista, fala de coisas muito pessoais, como a difícil trajetória que o levou do agnosticismo ao ateísmo e deste ao cristianismo, com o qual mantém hoje uma relação de constância e intensidade. Fala ainda sobre o enorme terreno divisório entre ciência e religião, sobre guerra e paz, vida e morte, sobre o poder dos homens e, acima de tudo, sobre o grande otimismo com que encara o futuro.

Nicolau — Professor Newton, como o senhor, um cientista reconhecido internacionalmente, ateu por convicção, aderiu ao cristianismo?

FM — *A minha virada — eu costumo usar esta palavra — para o cristianismo e, para ser específico, para a Igreja Católica, não foi do ateísmo para a religião. Eu tive, durante a minha vida, um longo processo: quando menino eu era, obviamente, católico. Depois fui para o colégio religioso e me tornei mais católico ainda, mas logo em seguida começaram a aparecer dúvidas terríveis. Quando eu já tinha uns 13, 14 anos, evolui então para um agnosticismo e daí para o ateísmo. Estive ateu por mais ou menos 10 anos, mas eu era um ateu muito interessado em religião. Nesse período, li um livro que me tocou muito — A Montanha dos Sete Patamares, de Thomas Merton — e desse momento em diante tornei-me um agnóstico à procura de Deus, decididamente. Esta fase durou 26 anos. Foi uma longa procura.*

Nicolau — E hoje, como se dá sua relação com Deus?

FM — *Eu a acho muito boa. Sou praticante, vou à missa todos os dias, comungo diariamente. Eu me sinto muito bem, muito feliz, mas o que é importante dizer é que a minha virada foi repentina. Não houve nenhum motivo intelectual que a tivesse provocado. Quando eu era agnóstico, um dia estava conversando com um padre, para tirar dúvidas e no meio da minha conversa com ele, — eram aproximadamente 5 horas da tarde, do dia 25 de março de 1980 — de repente, senti vontade de me confessar com ele, sem ter resolvido minhas dúvidas. Não houve, assim, um processo de eliminação de dúvidas.*

CRISTÃOS E MARXISTAS SÃO AMBOS MUITO OTIMISTAS

Nicolau — O senhor acha que ciência e religião são campos excludentes entre si?

FM — *Se por religião a gente entende a aceitação da Bíblia como está escrita, de*

forma chamada literalista, ou fundamentalista, há uma oposição entre ciência e religião. Isto não tem a menor dúvida, porque a Bíblia conta uma história em forma de mitos pré-científicos. A maneira como Deus criou o homem, os seres vivos, a natureza é anticientífica. Um cientista não pode ser religioso se quer manter a aceitação literal dos mitos bíblicos, contudo eles são respeitáveis, porque foram elaborados numa época em que não havia ciência, ou melhor, a ciência eram os mitos.

Nicolau — Como o senhor vê essa luta entre a Igreja e a intelectualidade?

FM — *Há alguns meses ouvi um bispo dizer que a intelectualidade está se afastando da religião. Não é só a intelectualidade, todo mundo está se desligando da religião. Estamos vivendo num mundo laico. Na Idade Média era muito simples, pois os reis, os príncipes, os barões, as pessoas eram religiosas num ambiente em que a Igreja explicava tudo e tudo estava ligado à Igreja. Dos últimos séculos para cá, especialmente a partir do século 19 e mais acentuadamente no século 20, isto foi mudando.*

Nicolau — O senhor acha que está na hora da Igreja reformular as suas bases?

FM — *Eu acho não só que está na hora, como a Igreja já começou a se reformular. O Concílio Vaticano II, convocado pelo papa João XXIII teve o fim específico de abrir a Igreja, fazendo-a entrar em contato com o mundo. Hoje estamos presenciando este fato, e a Teologia da Libertação é um dos exemplos disto. Vejo este movimento com muita simpatia e me declaro francamente a favor dele, mas sem os exageros que tenho notado em alguns teólogos hispano-americanos, como um bispo — acho que do Peru ou do Chile — que disse que agora era hora de lutar e não de rezar. Não vejo oposição entre lutar e rezar.*

Nicolau — Essa posição não seria uma reação contra os regimes políticos vigentes na maioria dos países latino-americanos?

FM — *Pode ser, mas mesmo assim ela*

não se justifica. É como em ciência onde nós às vezes não aceitamos teorias formuladas há um século, mas foram elas que nos permitiram chegar à elaboração de outras teorias mais recentes. Agora, esses exageros graves de alguns teólogos da libertação eu não notei com relação aos brasileiros. Sou muito amigo do frei Leonardo Boff e também do padre João Batista Libânio, dois nomes ilustríssimos da Teologia Brasileira da Libertação.

Nicolau — Em sua opinião, quais as diferenças fundamentais entre o ensino de Cristo há quase dois mil anos e hoje?

FM — *Sou um cientista que lê filosofia, teologia, a Bíblia etc., mas as leituras que faço não me permitem emitir muita opinião. Creio que o fato é que muda. Acabou o tempo em que todas as verdades eram verdades verdadeiras. Uma verdade pode ser verdadeira numa época e séculos depois continuar sendo verdadeira, mas precisando ser interpretada de outra maneira.*

Nicolau — Então, a verdade não é absoluta?

FM — *Você veja, por exemplo, o problema dos dogmas: eles são verdadeiros, mas à medida que o tempo passa eles devem ser reinterpretados. O dogma da eucaristia foi definido há muitos e muitos séculos. Diziam então que a substância é o corpo e o sangue de Cristo. A palavra "substância" mudou de sentido em nossos dias. Hoje, ela é a estrutura mais íntima da matéria; são os átomos, os prótons, os elétrons, as moléculas, etc., etc. É uma linguagem figurada. Há um símbolo que deve ser interpretado, sem que se negue o dogma. Pierre Chardin dizia que a nossa fé é o que o Sol é para os nossos olhos. Cristo é o mesmo, mas o vemos de forma diferente.*

NINGUÉM É SANTO E NINGUÉM É DEMÔNIO

Nicolau — Hoje, quase na virada do século, ainda persiste o mito da possessão demoníaca. Como a ciência pode explicar isto? Onde está a fraude e onde está a verdade?

FM — *Não posso falar em nome da ciência*

cia, mas a minha impressão é de que essas chamadas possessões demoníacas devem ser fenômenos que a parapsicologia vem estudando e resolvendo — bem ou mal — nos últimos decênios. Tem demonstrado que muita coisa tida como possessão do diabo, incorporação de espíritos são fenômenos naturais que acontecem com certas pessoas. E não há oposição entre aceitá-los e aceitar postulados da ciência. Obviamente, deve haver fraudes, enganos, falsas suposições. Eu já participei de muitas sessões de parapsicologia e não houve nada que me fizesse acreditar que ali realmente existissem espíritos.

Nicolau — O diabo sempre esteve presente na mentalidade coletiva das pessoas e a Igreja tem sustentado esta crença ao longo dos séculos. Por outro lado, não seria a religião uma base para proteger o homem de sua própria insegurança?

FM — *Eu não sou especialista em diabo, mas sei que nos últimos séculos a sua figura vem recebendo uma interpretação completamente diferente: ele seria apenas um nome para designar as tendências más, que são naturais em cada um de nós. Uma versão que considero muito razoável e que não contraria os postulados científicos. Ninguém é anjo e ninguém é demônio, como a psicologia explica. É natural que ainda tenhamos uma animidade muito forte em nós. E temos mesmo: basta olhar a época de Hitler, de Stálin, para ver que há maldade dentro de nós. E isto não exclui o racismo americano, o colonialismo inglês, o neocolonialismo americano. Tudo isto são provas da maldade humana.*

Nicolau — Vivemos num período de crise completa, cultural, educacional, existencial e conflitos sangrentos ocorrendo em todo o mundo. Qual seria a causa disto?

FM — *Acho que a crise é principalmente política e econômica. Mas, como cristão, sou um otimista. Aliás, dizem que o otimismo é um dos pontos de contato entre os cristãos e os marxistas, mesmo que por motivos diferentes e em direções diferentes. Para mim, essas guerras e crises todas estão se encaminhando para uma solução. A guerra dos sexos, por exemplo, era muito maior há alguns anos. Hoje há mais compreensão, a mulher tem uma liberdade muito grande e foi aceita pela pressão que ela mesma fez, o que é algo bom. Aliás, quem quer se libertar tem que fazer força para que isto aconteça.*

É PRECISO JUNTAR SOCIALISMO COM LIBERDADE

Nicolau — Quais seriam as alternativas para o desenvolvimento mental e intelectual do homem, num mundo caracterizado pelas restrições às liberdades dos indivíduos e o tolimento à soberania dos povos?

FM — *Liberdade é essencial. Agora, liberdade com orientação, senão pode levar ao caos. Não é possível haver liberdade absoluta. Nada existe de absoluto, a não ser Deus. Temos que ter liberdade, mas dentro de limites, porque, ao contrário do que se pensa, eles não restringem o homem, mas o enriquecem.*

Nicolau — O senhor acha que é possível uma sociedade existir sem governo?

FM — *Não. Tive várias tendências políticas em minha vida, desde a minha infância,*

quando fui muito conservador. Durante um pequeno período de minha juventude, fui de direita. Depois fui de esquerda praticamente a vida toda, tendo militado no Partido Socialista Brasileiro de 1958 a 1964, até que ele foi fechado pelo golpe militar. E em nenhum momento pude acreditar na viabilidade de sociedades sem governo.

Nicolau — O que aproxima a esquerda da direita?

FM — *Olha, sua pergunta é brilhante, porque eu diria que a esquerda nunca se aproxima da direita. Uma vai para um caminho, a outra vai para outro. Mas quando eu estive na França, há poucos anos, um dia, conversando com um cientista francês, eu disse que a União Soviética era de esquerda. Ele me contestou, argumentando que as intenções primeiras da Revolução Russa, com Lênin, na década de 20, podem ter sido de esquerda, mas que o rumo que Stálin deu à União Soviética foi de direita. Refleti e realmente cheguei à conclusão de que, de fato, um regime de esquerda pode tomar posições direitistas.*

O PODER ABSOLUTO CORROMPE ABSOLUTAMENTE

Nicolau — O senhor acha que o poder corrompe?

FM — *O poder corrompe, não tenha a menor dúvida. Principalmente num país como o Brasil. Alguém já disse que o poder absoluto corrompe absolutamente. É por isto que as ditaduras são um mal terrível, não apenas porque tiram a liberdade, mas porque corrompem de forma absoluta.*

Nicolau — Platão considerava que a razão era sempre do mais forte. No século 19, a Biologia se assentou na Teoria do Evolucionismo, colocada com mais ênfase por Darwin...

FM — *Na metade do século 19, Darwin propôs essa teoria científica para explicar a evolução dos seres vivos, no que ele chamava de seleção natural. Quer dizer, os indivíduos de uma população têm possibilidades diferentes de sobrevivência e de reprodução. Isto é um problema biológico que nada tem a ver com o social e o político, pelo menos na sua base, porque se aplica a mamíferos que vivem no mato, a insetos, a peixes. Agora, quando se aplica ao homem, aí entram problemas sociais e políticos.*

Nicolau — Quer dizer então que a razão nem sempre é do mais forte?

FM — *Em absoluto. Ocorreu que na Inglaterra, no século passado, baseado na teoria de Darwin, criou-se uma doutrina, uma ideologia baseada na sobrevivência do mais forte. Só que aí "sobrevivência" era uma coisa completamente diferente e "mais forte" também. A isto se chamou darwinismo social, que não é nem darwinista, porque não foi criada por Darwin, e nem social. É anti-social, não é uma teoria científica. Pelo contrário, é uma ideologia reacionária criada pelas classes dominantes inglesas.*

Nicolau — Então o senhor também não considera essa colocação como um processo de biologização das ciências sociais?

FM — *Ah, não. Não, a biologização das ciências sociais seria um reducionismo que eu não aceito. Em geral, sou anti-reducionista.*

A sociologia é uma coisa, a psicologia é outra, a economia outra. Os elementos da sociedade podem interagir, mas guardando cada um as suas especificidades. Não concordo que a razão do mais forte seja a melhor. Ela impera, porque o mais forte é o mais forte, mas não há justificativa para aceitá-la.

COM AS BOMBAS NUCLEARES, NEM SABEMOS SE HAVERÁ VENCEDORES

Nicolau — Em sua opinião, o que diferencia substancialmente o mundo de cinco séculos antes de Cristo e o à beira do século 21?

FM — *Pois é: cinco séculos antes de Cristo começavam a aparecer os grandes filósofos gregos e isto foi extraordinário. A ciência e a filosofia gregas não eram apenas modernas, mas de vanguarda. Muito tempo depois, durante a Idade Média, tivemos um período obscuro, sem o brilho intelectual da filosofia grega. Mas fica difícil comparar mundos tão diferentes, porque a humanidade não caminha em linha reta. Agora, por exemplo, entramos no reino da ciência, da qual estamos no ápice, depois de Galileu ter inaugurado a ciência moderna, no século 17. Hoje vemos disciplinas científicas que nem sequer conseguíamos imaginar há 30 anos, como a biotecnologia, a engenharia genética e a astronáutica, por exemplo.*

Nicolau — Quais as suas perspectivas em relação ao futuro?

FM — *Creio que as coisas tendem a melhorar. Vejo com a maior simpatia, por exemplo, as reformas que estão sendo feitas na União Soviética, com a glasnost, sem mudar o que existe de essencial no socialismo. A União Soviética fez a revolução do econômico, mas não a da liberdade. É preciso juntar socialismo com liberdade.*

Nicolau — O senhor acredita em revoluções?

FM — *Eu já acreditei em revoluções, mas eu as considero muito perigosas. Não sei se foi Napoleão que disse que a gente pode fazer tudo com uma baioneta, menos sentar em cima dela. Quer dizer: fazer a revolução a gente faz, mas e depois?*

Nicolau — O senhor acha que a essência do ser humano pode mudar?

FM — *Acho que o homem está evoluindo, e a evolução não é algo nem do passado, nem do presente. É algo do passado, do presente e do futuro. Vem do passado e se projeta no futuro. O homem está evoluindo e, com isto, ele vai se tornar cada vez mais humano.*

Nicolau — Seria possível realizar um pacto entre os homens, visando a paz mundial?

FM — *Gostaria que isto acontecesse. Acho difícil, embora não impossível. Com o problema das bombas atômicas, se os pólos de domínio não tomarem cuidado, eles acabam com a humanidade. Enquanto eles permanecerem irredutíveis, a situação ficará sempre mais difícil. Só que o panorama mudou muito com as bombas nucleares, porque, depois de uma guerra, não será mais possível ao vencedor ocupar o país vencido. Será a destruição total e nem sabemos se haverá vencedores. E isto é um drama para toda a humanidade.*

Teima Senur é jornalista

CALIGRAFIA



UM E

Eliane Eme Sato

Postura de guerreiro. Corpo reto, relaxado. Braço levemente levantado. Com mãos firmes, segurar o pincel, mantendo-o sempre em pé. Nenhuma inclinação. Tudo correto: corpo e alma.

Harmonia e disciplina. Como um samurai antes da batalha. E durante a batalha. Mente tranqüila. Nada a temer, nem a desejar. Arriscar.

Instantes-luz do ritual da arte caligráfica — *shodô* ('caminho para a perfeição', 'caminho que leva ao nada'): seus primeiros precisos traços devem ter chegado ao Brasil a bordo do *Kasato-maru*, que em 18 de junho de 1908 ancorou no Porto de Santos com os imigrantes pioneiros vindos da terra das 'fontes do sol', o Japão.

Preto no branco. *Sumi* (tinta) em papel de arroz. Um eterno movimento. É a milenar arte japonesa de ordem espiritual. Para eles, *shuji* ou *shodô*. Para nós, caligrafia: flutuantes e austeros traços negros capazes de sugar até a nossa última gota de emoção.

Caligrafia é puro movimento do pincel. O praticante deve manejá-lo com decisão, como se fosse uma arma mortal, que requer gestos precisos e fatais. Como o samurai domina a espada, dominar o pincel, num compasso harmônico de baixar e levantar. Ora deslizar com fúria, ora com cautela. *Tikara* e *Utsukushisa*. Imponência, e beleza espiritual, é o que o calígrafo-samurai nos oferece, terminado o seu ritual.

Em japonês, o ideograma *sho* quer dizer aperfeiçoar e também, experiência. E *dô*, caminho. Caminho para perfeição, ao mesmo tempo que é arte da eterna experiência. Por mais que treine, o praticante nunca está preparado, nem despreparado. *Shodô* é o caminho que leva ao nada, que exclui o uso da razão e do sentido.

"Pintar bambus por dez anos. Tornar-se bambus. E quando estiver pintando, esquecer tudo sobre bambus." É com este espírito que se pratica a caligrafia. Anos e anos de treino. Uma vida inteira de dedicação. E observação ao dobro. Cada detalhe e sutileza dos movimentos devem ser descobertos pelo praticante, sem auxílio do mestre. Como disse Bashô, o praticante e o objeto tornam-se uma única coisa, até que o sentimento se torne natural e tudo emane verdadeiro do seu interior. Então é possível transcender o objeto; apagando tudo, criando o novo.

"Despertar a mente, sem fixá-la em nada." Após súbita iluminação, Takuan, o monge zen, concebeu esta paráfrase, que é a máxima de toda arte japonesa. Com o pincel na mão, o calí-



■ "Brisa", em *gyoshô*, por K. Nobuyoshi.

grafo deve estar com a mente alerta, porém vazia, sem pensar em nada, nem almejar coisa alguma, nenhuma perfeição. Só assim o resultado será de êxito total: equilíbrio nos traços e harmonia no todo.

Como o *jazz*, um improviso. Ultrapassar os limites da existência. Êxtase. *Sax* e pistão. *Sumi* e pincel. Um segundo. Nenhum retoque. "É preciso ter coragem." Uma arte também de imperfeições. De imperfeições perfeitas.

DA CHINA PARA O JAPÃO

Caligrafia sempre foi arte de homens sábios e cultos, que se entregavam à perfeição espiritual. Monges, samurais, poetas e imperadores procuravam com essa arte desenvolver a disciplina e a moral.

Logo que surgiu da China, no século V, a caligrafia era praticamente ensinada e praticada como mera imitação de mestres e escolas. Ainda assim, surgiam aqueles que, dominando cada movimento dos ideogramas, superavam tradições e, seguindo seus próprios intuitos, criavam estilos audaciosos e personalizados.

Mas a maior e mais decisiva mudança nos rumos da caligrafia se deu com a introdução do zen-budismo, através de monges e poetas, em peregrinações pela China.

Mais que religião, um modo de vida, o zen-budismo sugeria a não racionalidade das coisas. Ser tão livre o quanto se deseja e consegue ser. A influência zen quebrou a forma acadêmica de caligrafia, prevalecendo notavelmente até os dias de hoje. Daí, o particular estilo de cada calígrafo, capaz de extrapolar a técnica adquirida, escrevendo profundamente com a alma.

E TERNO MOVIMENTO

AOS MESTRES, SIMPLICIDADE

Um mesmo ideograma pode ser escrito basicamente em três diferentes tipos, e é praticado conforme a "capacidade" do calígrafo.

Kaishō é o tipo bloco, e seus caracteres são facilmente reconhecíveis. É com este tipo que se treina os movimentos do ideograma. Dominando o *kaishō*, o artista está em condições de praticar o tipo corrido ou *gyōshō*, onde os movimentos do pincel são rápidos, resultando em algumas abreviações dos traços.

Outro tipo, praticado somente por mestres, é o desmanchado ou *sooshō*. Treinar tanto para se chegar num ponto em que uma breve pincelada passa a dizer tudo, parece incompreensível. Mas é aqui que a caligrafia chega ao seu grau máximo de profundidade e espiritualidade. O artista passa a conhecer a verdadeira natureza das coisas. É o extremo da simplicidade, resultado de tudo que se mostrou até então, tão complexo. No momento em que o calígrafo traça a vigorosa pincelada, com mais rapidez que o pensamento, ele encontra finalmente o que procura: a noção de disciplina perde todo sentido. Ordem e desordem passam a ser uma única coisa.

EM LONDRINA, OS ÚLTIMOS MESTRES

Shinshiti Minowa, Nobuyoshi Kawasaki, Fumi Shiozawa, Mitio Sugimoto. Atrás da modesta aparência, o talento e a habilidade de verdadeiros mestres de caligrafia.

Uma vida simples a dos calígrafos. Trabalhos domésticos, trabalhos com a terra. Perseguidos pela poesia,



■ "Sinceridade", em *sooshō*, por S. Minowa (ao lado, o ideograma em *kaishō*).



■ "Paisagem violeta/lago brilha", em *sooshō*, por S. Minowa (ao lado, os quatro ideogramas).

pelo *hai-kai*. Aulas de japonês, *ikebana* e *chanoyu* para alguns anônimos amantes da cultura. Entre um cotidiano cheio de satisfações, esses sorridentes e sempre dispostos japoneses mostram prazer redobrado pela mais antiga das artes orientais.

É seguro que eles passem horas solitárias, trancados no silêncio de alguma sala, borrando impiedosamente um papel e outro. Ou esboçando, com a tinta negra, as primeiras imagens de um *hai-kai*.

Depois do solitário retiro, a alegria de compartilhar a criação e as experiências com os amigos. O local do encontro semanal é num dos prédios do centro de Londrina. Oitavo andar.

Alheios ao som dos agitados transeuntes e dos elevadores abarrotados, essa última geração de um Japão artístico-tradicional ocupa este lugar como se fosse a sala de algum esquecido mosteiro de Osaka. E entre fácil riso e ohs de surpresa, passam tranquilas horas, concentrados na destreza do pincel, na tinta e papel.

Os rumos dessa arte? Mestre Minowa lamenta: "Os japoneses trocaram o pincel pelas teclas de avançados computadores e aromatizadas esferográficas até para escrever cartas. É triste receber do Japão caligrafias como raro presente."

Quanto ao espírito e valor dessa arte, poucos e breves comentários. Para eles o importante é praticar. E eles praticam com proeza de mestres, mesmo: "No *shodō* nunca se sabe tudo. Esta é uma arte em que sempre se descobre algo mais, algo de nós mesmos, e aí está a satisfação de praticá-la."

Eliane Erme Sato é estudante de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina

ESCAPADA

Considerações em torno à censura imposta a um jornal alternativo, "MOVIMENTO", nos anos 1975-1981

Há quem diga que nos mais recentes vinte e cinco anos o país mudou. Cresceu, fez riqueza, ampliou negócios e dimensões. Hoje é a oitava economia do Ocidente, embora o custo social disso seja um desastre — ostentamos dívidas externa e interna dignas de uma nação que saiu de uma guerra e um dos menores salários mínimos do mundo. Nesse capítulo também estamos abaixo do Equador. Do Equador, da Colômbia, do Peru, da Nicarágua, da Índia...

Faz vinte e cinco anos, um senhor de seus um metro e noventa de altura, o general Charles de Gaulle, observou que o país não era sério. Eram tempos de João Goulart e do caso grotesco chamado *Guerra da lagosta*. De Gaulle disse. E ninguém respondeu nada. Botou-se, ainda uma vez, o galho dentro. País das omissões, o Brasil é o país dos silêncios esquisitos; até o nosso silêncio é dissimulado.

Aqui na velha Berlim com seus pesados e hoje algo festivos 750 anos de idade, na Uhländstrasse como af em Copacabana, na Praça Serzedelo Correia, a minha Praça dos Paraísos, deu para uma reflexão sobre essa coisa do nosso silêncio mais sinistro que discreto. Lembro-me que, no Brasil, há dois anos, um ex-ministro da Justiça reuniu artistas e intelectuais e deu uma festa. Falou-se, num rompante festivo, que a censura acabou.

O que noto depois disso é o exercício da censura dissimulada, camuflado de baixo de rótulos — desvios de percurso etc. Enfim, coisas nossas, típicas da continuação de um regime que adjetiva e não substancia. Uma coisa é o que se fala; outra, o que se faz. E, rematando: o que se fala não se pode escrever.

Dizem que a censura acabou. Mas há proibições como a do filme *Je Vous Salue, Marie*, de Godard e *Cobra*, com Sylvester Stallone... de capítulos de telenovelas de Aguinaldo Silva e de José Louzeiro, da linguagem usada nas campanhas publicitárias para a venda de preservativos, de letras de música popular, de palavras dicionarizadas pelo *Aurélio* e ditas nas ruas de Copacabana, Osasco ou Dores do Indaí por meninos e meninas de dez anos, de uma peça teatral como *Teledum*, do espanhol Albert Boadella. A censura mudou de cara, não de alma. Vai podando na mesma essência dos tempos do militarismo no poder.

O pior é que há a nossa falta de memória também típica da ausência de evolução cultural. Sem dúvida, sustenta-se no momento brasileiro uma tendência para se esquecer rapidamente o papel e estragos da censura nos últimos vinte anos, em particular na década de setenta, quando as coisas ferveram em matéria de teatro, música popular, ciência, Igreja e Estado, livro, imprensa em geral e imprensa *nanica* em particular... tão *nanica* e tão garni-

JOÃO ANTÔNIO

VETADO

João Antônio, como poucos, é portador das credenciais adequadas para proceder a uma revisitação da ditadura nas redações. Participou da maioria dos tablóides alternativos que forçaram as frestas da chamada "Abertura", como *Opinião*, *Movimento*, *Crítica*, *EX*, *Extra-Realidade Brasileira*, *Versus*, *Bondinho*, *Coojornal* e *Repórter*. Sob o furor da censura, trabalhou dois anos no *Pasquim*, a convite de Millôr Fernandes. Editou o *Livro de Cabeceira do Homem* para a Civilização Brasileira, interrompido pela censura no terceiro número. Editou o quarto número de *Extra — Realidade Brasileira*, que continha um artigo hoje célebre — *Malditos Escritores!* — gota d'água para que a censura interditasse a publicação. Escritos seus como *Olha*, *Professor*, *há quanto tempo!* foram proibidos em vários jornais do Brasil e somente publicados no México e na Venezuela. Colaborou com a imprensa alternativa desde *Ovelha Negra* e *Paralelo*, de Porto Alegre. O próprio apelido *nanicos* — (ver *Pasquim*, n.º 318) deve-se a João Antônio.

As presentes *Considerações* abrem a reunião dos textos do jornal *Movimento* que a censura do sr. Armando Falcão (hoje tão desinibido e loquaz) cortou, em nome daqueles famosos "valores cristãos e ocidentais" que também presidiam às sessões da tortura. É o mais recente serviço prestado pelo autor de *Malagueta*, *Perus* e *Bacanaço* à luta pela liberdade de imprensa no Brasil. Breve, nas livrarias.

zê, no sentido da briga e do enfrentamento.

Agora, no enfiado de tudo isso, foi para mim um trabalho doído e necessário, levado com indignação e tristeza e, melhor — com este sentimento definido de impotência que paira, onipresente, sobre nós nestes mais recentes vinte e três anos brasileiros.

Aceito, quando aceito, certos trabalhos com um embrulho no estômago. Outros, são nervo exposto; chegam como um convite à desforra. Este, o sentimento que me levantou, de pronto, à faina de coordenar uma antologia das matérias censuradas do jornal *Movimento* nos anos de 1975 a 1981.

Na essência, uma comoeção forte para quem conheceu, na pele e no dia-a-dia de vários jornais e publicações, o exercício ardido, a asfixia de trabalhar sob censura, decorrência pesada do golpe militar e da ditadura pós-64.

Não me era assunto novo. Ainda assim, me espantou o volume do material arquivado durante esses anos todos pela redação. Mais de 4.200 matérias de toda natureza, da nota oficial à grande entrevista ou reportagem, exigem fôlego e persistência. Faina para perdurar meses. De saída, necessário enten-

der que, mesmo trabalhando com seletividade cerrada, o material imenso resultaria num todo alentado de textos. Coisa para dois volumes em livro. Confirmado, logo, a produção intensa do alternativo *Movimento* nos momentos agudos da censura. Produzia-se material para imprimir dois ou três jornais. Aproveitava-se, se tanto, um. A censura podou muito e rente.

Um estrago. Flagrar esse espírito, sempre acachapante, humilhante e, de comum, grotesco e grosseiro. Este, o caminho da seleção. Há momentos em que a repressão carrega o clima do absurdo. Repetidamente, censurou-se matérias já publicadas por outros órgãos da imprensa chamada burguesa, como o *Jornal do Brasil*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, também vigiados, e como — com a presença dos censores na redação... E, óbvio, o jornal alternativo não as pretendia transcrever, pelo menos integralmente, o que atesta a marcação mais cerrada da ditadura sobre os tablóides independentes.

Certamente os censores não contavam com que *Movimento* tivesse um arquivo organizado. Não podiam e, provavelmente, não sabiam prever tu-

do. A experiência dura do ativismo no Brasil foi vista pelos donos do poder como algo entre impertinente, emocional e bagunçado. Nunca como imprensa alternativa.

Qualidade apenas jornalística do material não pautou, assim, rumo básicos, embora importasse, em casos especiais. Não antologia dos melhores momentos daquele tablóide e sequer dos melhores trabalhos censurados. O espírito com que atuava a censura foi a constante que a seleção perseguiu e buscou captar e expor.

Útil observar que, por vezes, uma simples nota, algumas linhas, uma lauda, certas notas oficiais, atestam acen-tuadamente a indignidade da censura. Mais do que grandes entrevistas ou reportagens de 10 ou 15 laudas. Aqui, tamanho não é documento. Textos de alguma parte longínqua do interior do país, relatórios escritos à mão, cartas de leitores têm, pela verdade humana ou pela força do protesto ou da denúncia, garra maior que editoriais laudatórios, muita vez tão próximos da discursão fácil.

Censurou-se repórteres ou redatores desconhecidos então; podou-se até nomes famosos aqui e internacionalmente. Mesmo um Prêmio Nobel de Literatura não escapou. Mais de sete dezenas de autores censurados. De Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Aguinaldo Silva, Caco Barcelos, Gabriel García Márquez, Gláuber Rocha... De várias geografias e tendências diversas. Afinal, não eram as idéias de esquerda, centro-esquerda ou a esquerda do centro que a censura interditava. Era o pensamento.

O resultado final é um quadro forte de época, um documento que fala alto. O arbítrio, a intolerância, o tacão limitado da repressão são a constante. A censura podou porque podou. De seu modo pessoal e com poderes improvisáveis. Qualquer tentativa de atividade corpo a corpo com a realidade brasileira ou mesmo estrangeira que tivesse similitude com a nacional foi cortada, de pronto, na raiz, pela *pilot* oficial com o sinistro *N* ou os carimbos **VETADO** e **C/CORTE**. Nenhuma explicação.

Este feixe multifacetado está dividido em 19 seções, a saber, pela ordem alfabética: 1 — Ciência, 2 — Comércio e Indústria, 3 — Comportamento e Gente, 4 — Cultura, 5 — Economia, 6 — Educação, 7 — Esporte, 8 — Habitação, 9 — Imprensa, 10 — Índios, 11 — Polícia, 12 — Política Internacional, 13 — Política Nacional, 14 — Religião, 15 — Saúde e Previdência Social, 16 — Terra, Alimentação e Agricultura, 17 — Trabalho, 18 — Transporte e 19 — Turismo.

Não cabe aqui um retrospecto do que tem sido a imprensa alternativa desde os pasquins do Império. A matéria já recebeu ensaios lúcidos e reconhecidos. E a expressão *imprensa nani-*

ca tem, muita vez, tomado uma conotação esvaziada, pelo mau uso, no pior sentido do folclórico. Não foi com este objetivo que a escrevi pela primeira vez. Mas o clima censório ostensivo e deceptor que manietou a produção jornalística de *Movimento*, da imprensa em geral e dos nânicos em particular entre os anos de 75 a 81 é algo necessário que se revise para a compreensão do quadro geral do livro.

Um exemplo. Em maio de 1976, ano mais feio da censura na treva do obscurantismo nacional, num rasgo de inspiração ministerial, o ministro da Justiça, Armando Falcão, enviou ao chefe do governo Ernesto Geisel o texto de uma conferência sobre a natureza da imprensa, pronunciada em 1902 pelo publicista Carlos de Laet. Falcão fez uma dedicatória e recomendou a leitura. Alguns trechos selecionáveis da conferência de Laet:

"A imprensa é pior que o pelourinho antigo, pois neste só se expunham os réus legalmente condenados, e a imprensa é pelourinho sem sentença... A imprensa arroga-se a direitos que a lei recusa a qualquer cidadão... A isto, que todos vós tolerais, é que se chama liberdade de imprensa."

"Sabeis como se faz um jornal? Um homem deseja ganhar dinheiro, recruta certo número de colaboradores para bater moeda com a popularidade e o talento deles. Mas também arregimenta um pessoal completo de cavaleiros desempregados e inempregáveis. Pois bem: nesse pessoal anônimo é que está o nervo de um jornal. São eles os que tudo exploram e tudo julgam. Nas redações, como auxiliares, como repórteres, muitas vezes sem categoria definida, figuram moços madraços ou pouco inteligentes, que não lograram terminar seus cursos superiores e que nem sempre concluíram os preparatórios; rapazes que, não tendo habilitação para médicos, advogados, professores ou engenheiros, nem coragem para a labutação no comércio e ou o mourear nas indústrias, acham mais cômodo fazer-se críticos e hiper-críticos."

"A imprensa interpõe-se entre o povo e o Parlamento. O povo não lê o que seus representantes dizem, lê o que os jornais querem que eles tenham dito. Ao invés do Diário Oficial, o que se lê são os extratos dos jornais, incompletos, calando o que possa contrariar a opinião da folha, desenvolvendo o que melhor lhe sabe e, não raro, deturpando o pensamento do orador. A eloquência política no Brasil é o Congresso visto através do temperamento do repórter."

"Não há quem contra a imprensa erga um protesto, pelo contrário, todos a consideram guarda vigilante dos direitos do povo, mas a imprensa é uma oligarquia, e toda oligarquia é tirânica. É uma oligarquia exercendo o poder absoluto, tremendo, incontestado; mas pelo menos será uma oligarquia inteligente? Longe de mim a idéia de propugnar tiranias, mas forçoso é reconhecer que as têm havido gloriosas. Compreendo, por exemplo, a tirania de Pedro, o Grande, da Rússia, que no meio de seus excessos sanguinários, fazia da bárbara Moscovieta uma grande potência civilizada... Mas o que eu não com-

iz Nildo Nery dos Santos está disposto a não se

arquivamento, feito pelo promotor Nelson Souto

ines estés, do processo para curar a morte do

lque Pereira Neto, encontrado morto num matagal

de 1969.

rocesso não tem elementos para incriminar ningu

o para a Justiça e seu fim é o arquivamento,

preendo é a tirania da incompetência. A tirania da imprensa é a tirania dos incompetentes."

Provavelmente, Carlos de Laet falasse com conhecimento de causa. Jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de *Poesias* (1873) e *Em Minas* (1894), era monarquista espezitado e polemista. Em plena República, editava um jornal monarquista, *O Brasil*, que atirava ao Marechal Deodoro da Fonseca, então presidente da República, qualificativos de "nulidade, ambicioso e prepotente." Um dos seus principais colaboradores, em *A Tribuna*, também monarquista, Eduardo Prado, atacava diariamente as Forças Armadas.

Por essas e outras, o jornal dirigido por Carlos de Laet foi ameaçado pela polícia do Rio de Janeiro. Todos os outros grandes jornais, de imediato, lançaram uma nota de protesto e um manifesto de apoio contra o cerceamento da liberdade do jornal de informar seus leitores e analisar os acontecimentos sob seu ponto de vista político. Logo, a tal tirania da imprensa era discutível. Ou relativa.

A Laet, como traço de levandade, é creditada a publicidade da história de má fama que durante toda a vida marcou Alcindo Guanabara, o jornalista famoso, diretor de *A Imprensa*. Num discurso na Academia de Letras, Laet contou que, quando entrou certa vez num jornal como editorialista, Alcindo Guanabara foi chamado, durante a Semana Santa, para escrever sobre Cristo. "Contra ou a favor?", teria perguntado Alcindo Guanabara.

populares. Semanário, não tinha uma proposta lucrativa e intencionava basicamente um jornalismo honesto, autônomo. E seu avanço como relação e método de trabalho é que gerou (também) a estrutura da antologia. Seu editor, Raimundo Pereira, que vinha de uma vivência profissional importante e brilhante (um número especial da revista *Realidade Amazônica* e, especialmente, *Opinião*) definiu o projeto de *Movimento*: "Não queríamos um jornal totalmente descentralizado — cada editoria teria autonomia dentro de certos limites. O editor podia vetar determinadas matérias mas nunca poderia interferir no arranjo dentro de cada setor da redação. Na época, *Movimento* foi um jornal mais descentralizado do que qualquer outro: definimos diversas regras do conselho que o editor deveria seguir, pois não tinha poderes absolutos."

Uma experiência nova, sem dúvida, e seus resultados, um dos mais visados pela censura: "A grande maioria dos redatores de *Movimento* era de estudantes e jornalistas democráticos, saídos dos movimentos estudantis ou que tinham ambições profissionais e viam no jornalismo alternativo uma forma mais acessível de se lançar na profissão. Os redatores, que tinham papel decisivo na publicação, eram (muitos deles) principiantes na luta política e para os quais o próprio jornal aparecia como a forma suprema de militância e organização. A explosão das lutas operárias, seu peso, suas dificuldades e o seu fascínio, para a maioria de todos esses jovens, era uma absoluta novidade."

Embora sua última edição tenha sido de 29/11/81, o golpe de misericórdia contra o jornal acontece em 1980, quando começam os atentados a bomba visando as bancas de jornais. Tal violência significou uma das últimas investidas contra a imprensa alternativa que ainda acontecia no Brasil.

Movimento se distingue por ser uma proposta democrática de jornalismo onde os proprietários do jornal são os próprios jornalistas que o fazem. Traz ainda, como inovação, as seções *Cena Brasileira* e *Histórias Brasileiras*. A primeira, uma tentativa de mostrar de perto as condições de vida do povo brasileiro; a segunda uma abertura aos escritores do país todo que, marginalizados no mercado editorial, não tinham como publicar seus textos. Alguns nomes, hoje fixados na literatura brasileira, passaram por *Movimento*.

Enquanto o *EX* e seu continuador, o *Extra-Realidade Brasileira*, também desapareceram por problemas com a censura, terão sido os mais brasileiros dos nânicos, devido à originalidade e à linguagem, *Movimento* foi, ao lado de *Repórter*, o mais preocupado com as questões populares.

A antologia, creio, demonstra claramente isso. Também expõe, descarnadamente, a preocupação de marcação-em-cima com que a censura tocou o jornal.

Um ponto é certo. Se coisas vivas são as que despertam maior polémica e inquietação, então, até pela lamentável atualidade, aqui se tem um feixe delas. ■



Até hoje, com ar de anedota, a história é repetida como prova da servidão dos jornalistas e, em popularidade, só se compara àquela — com a diferença de que esta é verdadeira — do censor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), o organismo criado pelo ditador Getúlio Vargas em 1939 para controlar os meios de comunicação que, todos os dias, expedia aos jornais notas alertando e proibindo notícias sobre a escassez de leite. E, como um jornal parece não ter entendido, o censor foi claro: "Sobre o leite, nada; absolutamente nada, nem contra nem a favor."

No acesso da censura do sr. Armando Falcão em 76, Carlos Drummond de Andrade publica uma crônica no *Jornal do Brasil* de 01/02/1976, em que remata: "tantas proibições e não se cuidou ainda de proibir a fome endêmica."

Para que se faça idéia menos rápida do que foi o movimento alternativo nos mais recentes vinte anos brasileiros, é preciso conhecer a história de dez jornais: *Pif Paf*, *Pasquim*, *Opinião*, *Crítica*, *O Bondinho*, *EX*, *Versus*, *Coojornal*, *Movimento* e *Repórter*. Independentes e diversos em suas linhas editoriais, esses nânicos acabaram completando um ciclo penoso da resistência da imprensa pós-64. Porque representaram o maior pólo gerador de polémicas e discussões em áreas fundamentais da vida brasileira. E um momento de lucidez intensa na história de nossa imprensa.

Movimento foi, dos tablóides alternativos, o mais voltado para as lutas

FRAGMENTOS DE UM DOSSIÊ DA CENSURA NOS ANOS 70

Aos jovens escritores que em momentos de desalento descredita-ram da força da palavra, um bom estímulo para perseverar pode ser a leitura desses trechos censurados do jornal *Movimento*, fragmentos do discurso da resistência democrática ao arbítrio e vilania instaurados pelo regime do Ato Institucional nº 5.

Difícil encontrar melhor atestado do poder da inteligência do que a certidão do temor, passada de maneira telegráfica, incisiva, pontual, pelo funcionário da Censura. Temor que o Poder nutre ao frágil corpo das palavras.

Dentro delas, com elas e por elas, uma inteligência brilha. Esse é o brilho que o Poder teme. Simples fagulha, pode desatar a implosão das estruturas iníquas. Dizer que pedra é pedra e pau é pau, na tirania, é crime. Com o leitor do *Nicolau*, em primeira mão, pela primeira vez, esses textos dos anos 70 podem finalmente brilhar.

VETADO

Em busca da lei

Da mãe do padre Henrique, assassinado no Recife em 1969, e que decidiu agora estudar Direito para estudar o processo e descobrir os assassinos, ao presidente Geisel: "agora eu sei que vou ser atendida, V. Excia. é um presidente diferente (...) porque tem uma religião definida, porque lê a Bíblia, porque conhece e pratica as leis de Deus, logo, nada o intimida."

O juiz Nildo Nery dos Santos está disposto a não aceitar o pedido de arquivamento, feito pelo promotor Nelson Souto Araújo há duas semanas atrás, do processo para apurar a morte do padre Antônio Henrique Pereira Neto, encontrado morto num matagal do Recife, em maio de 1969.

"O processo não tem elementos para incriminar ninguém. É uma frustração para a Justiça e seu fim é o arquivamento, igualmente a dezenas de outros que por aqui passaram," dizia o relatório final do promotor, designado em janeiro de 1975 para realizar novas diligências, por ordem do ministro Armando Falcão, atendendo a pedidos do presidente Geisel, que recebeu uma carta da mãe do sacerdote.

"Já apelei a pessoas influentes, mas como dizem que os assassinos são intocáveis, de nada valeram os meus pedidos. Agora eu sei que vou ser atendida V. Excia. é um presidente diferente dos que passaram porque tem uma religião definida, porque lê a Bíblia, porque conhece e pratica as leis de Deus, logo, nada o intimida. E, como cristão, cumpre as leis divinas, através das leis dos homens, pela

sua mão de Chefe Supremo do Grande Brasil," dizia a carta endereçada por Dona Isairas Pereira, 51 anos, mãe do Padre Henrique, ao presidente Geisel.

Após ter remetido 3 cartas ao presidente Médici, sem resposta, a última carta obteve imediata acolhida: um expediente do Ministério da Justiça autorizava novas diligências para apurar o crime, cujo volumoso processo de investigação já tinha passado pelas mãos de 3 juízes, 6 delegados e 6 promotores que ouviram 300 pessoas, tomaram 36 depoimentos escritos em 5.092 laudas. E os 12 volumes que estavam arquivados voltaram a ser objetos de consulta.

"Não haverá acomodações porque a própria sociedade reclama uma solução para esse crime bárbaro", garantiu, na época, o promotor Nelson Souto. Eufórica, Dona Isairas também comentou: "Mesmo que chovam pedras essa história dessa vez vai ser resolvida."

Em seu depoimento, o que repetiu em cartas ao presidente Médici, Dona Isairas ofereceu uma visão panorâmica e uma solução otimista para o caso: "Não será preciso muito esforço para resolver o caso. O padre Henrique foi seqüestrado por uma Rural da Secretaria de Segurança Pública aos 26 de maio de 1969, barbaramente torturado e depois assassinado com tiros na cabeça. Segundo o depoimento do garagista da SSP, usavam a referida Rural na época do crime, os investigadores Rivel Rocha (vulgo Cabo Rocha), Benedito Pistoleiro e Humberto Amaro, com chapa fria do carro de um dos chefes. Depois desse aconte-

cimento jamais tive paz. Tentaram seqüestrar o menor dos meus filhos, outros maiores foram presos, ameaçaram-me de morte através de recados e telefonemas anônimos, e por último, meu esposo faleceu, vítima de úlcera gástrica."

Atualmente, as diligências se encontram no seguinte pé: o juiz Nildo Nery dos Santos, em vez de arquivar de imediato o processo, de acordo com a proposta do procurador, preferiu solicitar mais esclarecimentos burocráticos sobre o andamento do caso. Na semana passada, ele

recebeu da Procuradoria Geral do Estado cópia de todas as cartas enviadas por Dona Isairas aos presidentes Médici e Geisel, bem como os documentos do Ministério da Justiça solicitando a reabertura do caso. Tudo leva a crer que ele não aceitará o pedido de arquivamento. Enquanto isso, Dona Isairas já declarou que vai se matricular num curso de preparação ao Madureza para fazer o vestibular de Direito em 1977. Ela pretende acompanhar o caso da morte de seu filho na condição de bacharel.

Em março de 88 o Centro de Imprensa Alternativa e Cultura Popular do RIOARTE estará editando a *Antologia* das matérias censuradas do jornal *Movimento*. Ela é consequência de nosso trabalho e, sobretudo, de um gesto da responsabilidade histórica de Raimundo Pereira, editor do *Movimento*, por conservar e posteriormente nos doar o material que, sendo parte da memória coletiva, chegará, embora tarde, a quem de direito: ao povo.

Foi com atônita e encantadora surpresa que abrimos as pequenas e quase misteriosas caixas contendo a vida submersa do jornal *Movimento*. Atônitos por termos em mãos uma cabal radiografia do que fora a censura nos rigorosos e trágicos anos do autoritarismo, encantados ficávamos porque ao folhear os calhamaços iam adquirindo consciência da extraordinária riqueza jornalística, cultural e política daquelas amareladas laudas. De imprevisto valor e coragem para a resistência política de então, nem por isto foi menor a importância do *Mo-*

vemento como espaço vital de irradiação positiva para a literatura e as artes em geral. Nele foi publicado o até então inédito texto *Gota D'Água*, de Chico Buarque. Jovens escritores hoje consagrados pelo público e crítica lá publicaram não somente suas criações literárias, escreviam sobre os mais diversos assuntos, sobre a verdadeira realidade que se escondia por trás do chamado milagre.

Nas milhares de matérias agora emergentes nos defrontamos com a verdadeira face do país e nos surpreende a clareza e a honestidade das apreciações então feitas sobre a realidade de nossa economia e dos problemas sociais vinculados à saúde, à terra e ao trabalho.

Desde já colocamos a disposição dos pesquisadores as aproximadamente 11 mil laudas existentes em nossos arquivos. Para a antologia o escritor João Antonio selecionou apenas 1.000.

Luciano Duffrayer

Bilhete sobre (e possivelmente para) Otto Maria Carpeaux

Cióvis Moura

Otto Maria Carpeaux faleceu recentemente. Escrevemos, propositalmente: faleceu. Não dissemos morreu. Não por uma questão lingüística ou semântica. Mas, por uma questão política. Carpeaux padecia o seu purgatório conscientemente, combatendo o nazi-fascismo, emigrando, vindo para o Brasil, sentindo aqui, também, as dificuldades da dignidade intelectual, como, aliás, de qualquer dignidade. Do Paraná para São Paulo, de São Paulo para o Rio de Janeiro, o seu objetivo foi sempre o mesmo: colocar a sua imensa cultura em função da dignidade do Homem.

Quase indigente na Paulicéia, vivendo em humildes pensões no Rio de Janeiro, sendo mal compreendido, no início, inclusive por aqueles que o deveriam tratar fraternalmente, Carpeaux nunca arqueou os ombros ou curvou a espinha. Foi sempre aquele que acreditava que um dia o mundo seria melhor e os homens, por isso mesmo, melhorariam também.

Nasceu em Viena em 1900, tendo se formado em Filosofia pela universidade da sua cidade. Veio para o Brasil em 1938, naturalizando-se em 1944. Podia ter sido um *scholar* universitário, pedante e desligado do seu tempo. Os seus conhecimentos sobre literatura, música e sociologia davam-lhe condições para isto. No entanto, Carpeaux preferiu realizar-se naquele ramo que os universitários formalistas acham menos nobre: o jornalismo. E foi através do jornalismo (sem se desprezar, é claro, a sua imensa contribuição como escritor) que ele marcou a sua pre-

sença e permanência no Brasil. Os seus dois primeiros livros aqui publicados — *Cinza do Purgatório* e *Origens e Fins* — foram frutos de artigos de jornais, num nível que dignificou tanto o jornalismo quanto a ensaística brasileira. Escritor de altos méritos, erudito, como já dissemos, postou-se, no entanto, desde quando veio para o Brasil, como um brasileiro que procura conhecer verticalmente a nossa cultura.

Mas, a evolução cultural e política de Carpeaux foi se acelerando paulatinamente, adquirindo conotações radicais a partir de 1964. Com o movimento autoritário que derrubou o governo constituído de João Goulart e as subsequentes medidas repressivas às correntes liberais e de esquerda. Otto Maria Carpeaux, então redator do "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro iria assumir, junto com outros jornalistas, cada vez mais explícita e enfaticamente, uma posição de contestação a esse movimento e a essas medidas.

Sempre guiado por uma profunda convicção humanista, imprimiu aos seus artigos de jornal um tom polêmico e de alto nível, convencendo pelo argumento, a lucidez do raciocínio. Escritor considerado inicialmente difícil de ser entendido, de um momento para outro passa a ser lido pela juventude que via nele um comunicador preciso, inteligente e, acima de tudo, corajoso.

Coragem: mais do que a sua erudição, o seu conhecimento enciclopédico da literatura ocidental, esta é a característica maior da sua obra. Erudito, capaz de escrever, com a mesma profundidade sobre o teatro de

Ibsen, a filosofia de Burckhardt, a sociologia de Max Weber, ou a poesia de Hoelderlin, Carpeaux foi, acima de tudo, um intelectual de coragem. Na Áustria, combatendo o nazismo que se espalhava pela Europa como gelatina sinistra. Combate que o levou a abandonar a pátria para nunca mais revê-la. No Brasil, quando as ondas se encrespavam e a necessidade de se dizer a verdade (ato de coragem) era imperiosa, ele assumiu o timão e falou essas verdades, embora tivesse pago muito caro pelo que disse e observou.

Crítico dos mais capazes e eruditos, com formação de filósofo, literato, matemático, físico e químico foi, acima de tudo, no entanto, um denunciador. Não ocupou nenhuma cátedra universitária. Preferiu o dia-a-dia do jornal, onde a cotidianidade do povo se refletia e aí se manteve com a dignidade que o caracterizou.

Seu primeiro livro publicado no Brasil — *Cinza do Purgatório* — demonstra a extensão e profundidade do seu espírito. Carpeaux aborda temas como "Presença de Goethe", "Franz Kafka e o mundo invisível", "A Consciência Cristã de Milton", "Max Weber e a catástrofe", "O admirável Thomas Mann" e outros. No segundo — *Origens e Fins* — além de encarar temas literários, debruça-se sobre problemas da cultura brasileira, escrevendo sobre Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Portinari, Álvaro Lins e outros assuntos.

Procurava integrar-se à vida e à cultura dos brasileiros, ser um deles, pois somente assim

poderia dar prosseguimento à sua carreira de escritor, sempre ligado aos dramas e tragédias do homem e da terra.

Dá, finalmente, como prova da sua maturidade e do seu amor à cultura a monumental "História da Literatura Ocidental", pouco citada e ainda menos aceita no convencionalismo universitário brasileiro. Amanhã, quando alguma universidade europeia ou dos Estados Unidos estiver adotando a obra, possivelmente ela seja "descoberta" por algum dos nossos "gênios".

Mas, a estatura dos grandes homens somente se projeta nas horas de tragédia. Este escritor erudito, enciclopédico, de formação europeia, autor de livros sobre música, crítica literária, ensaio erudito, aparece em toda a sua grandeza num momento no qual todos fogem (ou quase todos) em atos de omissão ou traição. Com ele, ao contrário do que dizia Julian Benda, a traição intelectual não se configurou na hora do perigo. Pelo contrário. Lucidamente, racionalmente lúcido, enfrentou esse perigo sabendo todas as consequências que a sua posição honesta e coe-

rente traria. Enfrentou o perigo como se ele fosse uma decorrência inelutável da sua posição de escritor.

Muitos anos antes ele havia escrito: "As vozes proféticas do passado ensinam-nos a interpretar a nossa situação; interpretação que equivale a um julgamento do mundo e de nós mesmos, a um exame de consciência. É só a luz interior que pode iluminar o caminho pelas trevas, para conferir um sentido moral ao purgatório dos nossos dias, para acender, na cinza do que foi, a vacilante luz duma nova esperança. Era o meu caminho também: ainda sinto na boca o travo amargo da cinza do purgatório."

Travo amargo que — atualmente — está em todas as nossas bocas, como a nos lembrar que a purgação continua até que chegue o momento do reencontro com os valores que dignificam o Homem.

Enquanto isto não acontecer, homens como Otto Maria Carpeaux não estão mortos. Estão apenas falecidos. Não por uma questão semântica, mas por um problema político.

de es? R. x S T

Em câmara fria

O secretário de Segurança de São Paulo, coronel Erasmo Dias, disse que leu mas concretamente não gostou do romance *Em câmara lenta*, escrito pelo cineasta Renato Tapajós. O romance narra a vida e a atividade de grupos políticos, entre 1864 e 73, no Brasil, mas segundo o secretário, não passa de "pregação de guerrilha urbana". Por isso, Erasmo mandou prender o escritor.

Renato Tapajós foi condenado, em 1972, a 10 anos de prisão, acusado de pertencer a organizações clandestinas. Em 1974 foi colocado em liberdade condicional e se dedicou, então, a escrever o romance que, segundo o autor diz na introdução, "é uma reflexão sobre os acontecimentos políticos que marcaram o país entre 1964 e 1973 e, mais particularmente, entre 1968 e 1973. Seu aspecto fundamental é a discussão em torno da guerrilha urbana, que eclodiu nesse período, em torno da militância política dentro das condições dadas pela época. É uma reflexão emocionante, porque tenta cap-

tar a tensão, o clima, as esperanças, o ódio e o desespero que marcaram essa extrema tentativa política que foi a guerrilha". "De certa forma", diz ainda o autor, "ele é um balanço, um balanço e uma autocritica, um esboço do desmantelamento das organizações de esquerda e da reação dos militantes a respeito desse fato. É principalmente um romance a respeito da ingênua generosidade daqueles que jogaram tudo, inclusive a vida, na tentativa de mudar o mundo".

O coronel Erasmo Dias, porém, achou que o livro "é uma propaganda da guerra urbana; defende a revolução como meio, situa o guerrilheiro como êtulo do meio e justifica a guerrilha como fim". Por isso, ainda segundo a crítica do secretário, *Em câmara lenta* é um livro "mais violento do que o *Livro Vermelho* de Mao Tse-Tung e mais didático na prática do que a cartilha de Che Guevara."

Apesar da prisão do autor, o livro continua à venda nas livrarias.

Testando a vocação dos arquitetos

A Universidade Federal do Paraná adotou uma fórmula *sui generis* para testar a vocação dos aspirantes ao vestibular de Arquitetura. No último domingo foi realizado um teste eliminatório de Desenho; aqueles que não passaram por esse primeiro crivo já podem se considerar inaptos para o curso de Arquitetura, pelo menos desta universidade, mesmo porque sua inscrição ao vestibular não será aceita nesta área.

O teste vocacional constou de duas partes. Pela manhã, os examinados tiveram que desenhar uma cadeira, segundo o modelo que lhes foi apresentado. À tarde veio a etapa decisiva do teste: um desenho livre inspi-

rado no slogan do governo "*Este é um país que vai pra frente*".

Os resultados não foram divulgados ainda. Mas, segundo uma estudante que participou do teste, se prevalecer o critério de criatividade não sobrarão vestibulandos de Arquitetura: a maior parte se limitou a reproduzir os desenhos que acompanham o slogan nas propagandas oficiais, outros desenharam bandeiras e mapas do Brasil e coisas do gênero.

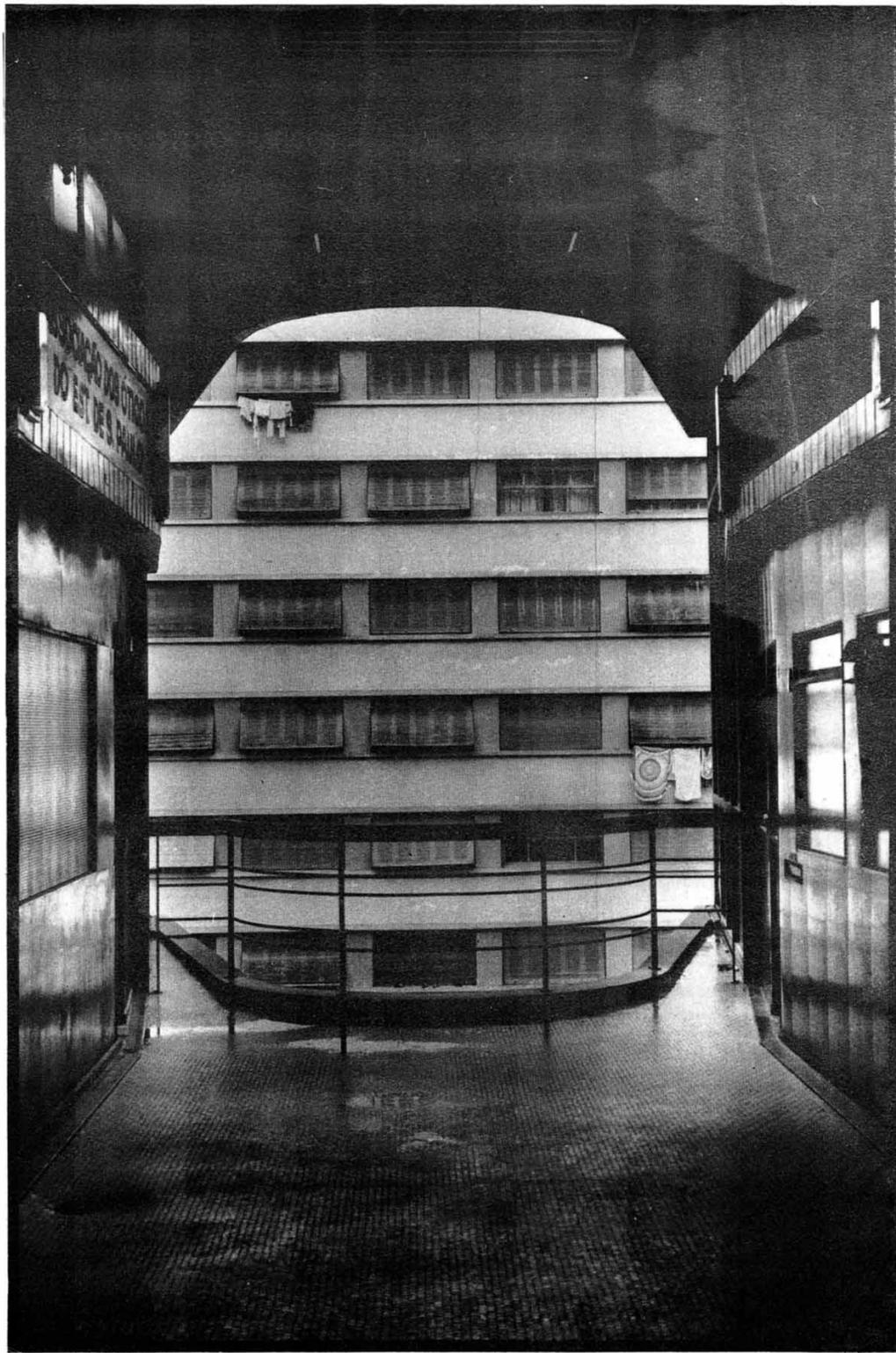
O que preocupa os meios estudantis de Curitiba é a possibilidade de moda pegar para outros cursos. Se o vestibular é considerado hoje basicamente um teste de seleção econômica terá, dessa forma, acrescentado tam-

bém o fator ideológico. De qualquer maneira, as universidades não deixarão de lucrar com isso, pois a inscrição para o teste vocacional, pelo menos no caso da Faculdade de Arquitetura, corresponde à taxa do vestibular. E neste caso específico, os estudantes que forem considerados inaptos para o curso de Arquitetura, ainda terão a chance de se inscrever para Engenharia, pagando nova taxa.

Entre as preocupações dos estudantes, diante desse novo método que torna o crivo do vestibular mais estreito ainda, fica uma vaga pergunta no ar: "Como se sairia Niemeyer num teste desse?"

is e e G VETADO

grafias de luz urbanas



DISPAROS FOTOGRÁFICOS

Ultimamente tenho andado meio **black-out**.

Alguns acadêmicos de leilão, críticos e comentaristas de segunda vêm insistindo na diminuição da fotografia como arte, lhe atribuindo um caráter menor.

No meio desta escuridão, desta falta de visão, pergunto aos meus botões (abram-se cortinas e obturadores) o que será arte maior e menor?

Sinceramente, não sei.

Arte sempre foi — para mim — minha forma de expressão, meu modo de vida.

Tenho feito da fotografia e da luz minha chama, minha forma de dizer que estou vivo.

Sou um profissional da imagem fixa em plena era de vídeo.

Certamente um louco a caminho do hospício (nunca do asilo). **"People say that I am a dreamer, but I am not the only one."** No universo das artes curifitbanas conseguiu a fotografia projeção nacional e até mesmo internacional, embora, evidentemente, as dificuldades sejam inúmeras.

Por outro lado, curiosamente, a fotografia consegue no mercado internacional cotizações respeitáveis. Assim, uma cópia de Ansel Adams tem seu lance inicial — nos grandes leilões — em vinte mil dólares.

Como se sabe, o processo de trabalho no laboratório para a execução de uma cópia definitiva em preto-e-branco é extremamente mais complexo e árduo do que a gravura, por exemplo. Não existe nunca uma cópia fotográfica igual a outra. Certos autores, como o próprio Adams ou o gaúcho Felizardo, só têm uma cópia/tiragem de determinadas obras.

Pura ilusão pensar que feita a matriz se gerou a galinha das fotos de prata ou de ouro.

Muitas vezes as pessoas me dizem, quando olham minhas fotos em cores: "São lindas, parecem mesmo pintadas" — elogios que sempre me irritam profundamente, pois nunca tive, é claro, essa intenção.

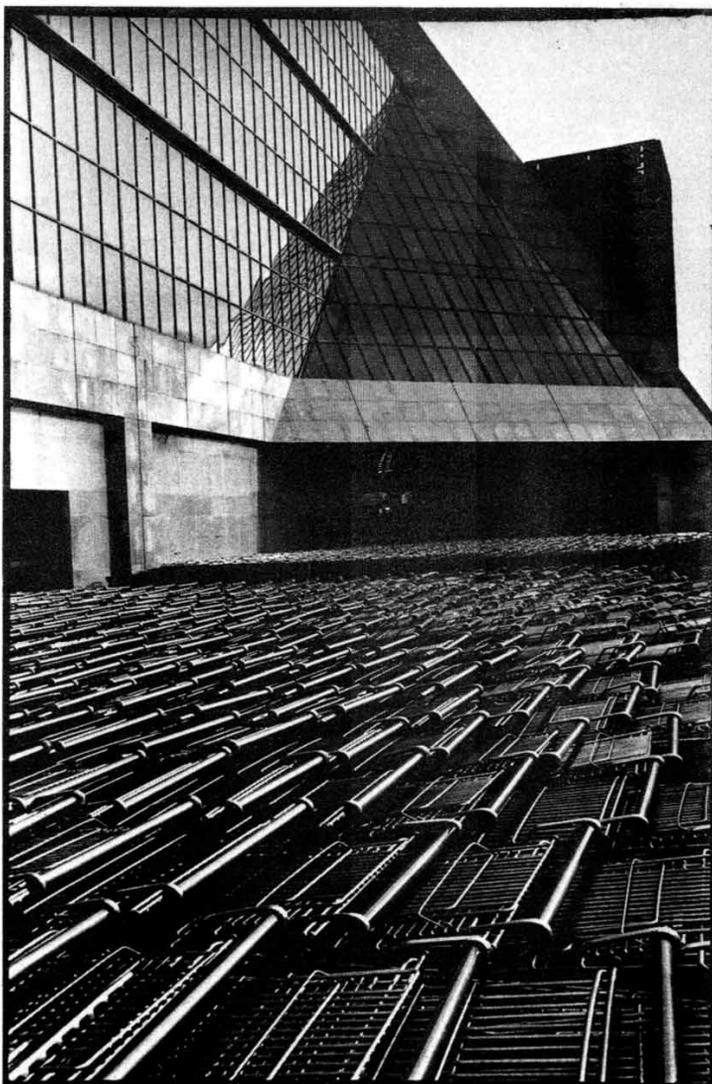
Sempre quis que minhas fotos fossem fotografia e que não lembrassem nada a não ser fotografia.

O.A.



foto: Vilma Stopp

ORLANDO AZEVEDO



1924: a BENDITA REVOLUÇÃO de SÉRGIO SANDERSON

movimento para trás
movimento para frente

O filme de Sanderson, *1924: Bendita Revolução*, mostra a revolta contra as oligarquias no Brasil — de estopim curto e efeito prolongado —, que estourou numa revolução armada em que os rebeldes foram vencidos apenas no campo (oeste paranaense) de batalha.



Oeste do PR, 1924: os rebeldes se rendem aos legalistas, mas os daires-e-tomares fizeram muita gente voltar os olhos para a questão das oligarquias, inclusive o governo brasileiro.

A MARCA DE UM SONHO

A trajetória do cinema tem sido marcada pela produção realizada por pessoas idealistas que, com muito esforço — e não sem desencantos —, têm transformado sonhos em imagem em movimento. Aparentemente melodramático, em um país com memória curta, este é o retrato da realidade. Assim tem sido com os cineastas paranaenses, desde que Annibal Requião começou a filmar em Curitiba, há 80 anos. Assim é com Sérgio Sanderson, um pioneiro que Cascavel dá ao Paraná, já no final dos anos oitenta.

Profissional de múltiplas atividades — jornalista, fotógrafo, publicitário —, todas de algum modo ligadas à arte cinematográfica, Sanderson acaba de realizar o maior sonho de um cineasta: filmar em 35 milímetros, bitola incomum nesta terra com pouco espaço para a indústria da arte. Por isso, em breve, o público poderá ver 1924: Bendita Revolução, documentário de 11 minutos que procura reconstituir momentos da Revolução de 24 a partir de vestígios remanescentes daquela época, na região oeste do Paraná. Lá, com uma câmara Arriflex de segunda mão, o cineasta revisitou os locais onde se instalaram os rebeldes, vindos de São Paulo descendo o rio.

Na verdade, o filme começou a

ser pensado há dez anos, a partir de ensaios fotográficos. O tema, desconhecido nos livros, motivou as pesquisas seguintes e a necessidade de documentar a história — foram meses à procura dos locais de filmagens, entrevistando contemporâneos do movimento revolucionário, resgatando lembranças perdidas no tempo. Depois, os obstáculos mais concretos — problemas financeiros, dificuldade para conseguir equipamento, falta de equipe técnica — sendo superados para deles surgir o filme 1924: Bendita Revolução. No fundo, uma quase aventura de um homem que ousou fazer cinema no interior do Paraná. Sérgio Sanderson.

Celina Alveti — jornalista

DEPOIMENTO

Desde criança ouvi falar nesta "tal" Revolução de 1924. O pouco que aprendi e ouvi falar, foi através dos meus avós. Não posso dizer que fui um aluno cem por cento, mas não lembro de tê-la visto em livros escolares. Acredito que quase a maioria das autoridades sabe da real importância da Revolução de 24 para o oeste paranaense e para o Brasil. Após a Revolução, na década de 30, o governo incorporou esta região — que existia no mapa mas de fato não nos pertencia — ao territó-

rio brasileiro, tirando-a das mãos de especuladores estrangeiros.

Trabalhos a respeito dos vestígios da Revolução eu já vinha fazendo há cerca de dez anos. Realizei vários ensaios fotográficos para jornais e revistas. Lembro que muitas eram as pessoas que achavam o assunto de grande valia, mas no meio governamental nunca vimos ninguém tomar qualquer iniciativa que fosse para a preservação da memória e do próprio tombamento dos quatro cemitérios abandonados, onde são inúmeras as pessoas que aproveitam o ensejo do ocorrido para se aposar de algum material histórico. Mas a memória histórica da região aos pou-

cos vai se apagando. E a nossa primeira preocupação é a de sensibilizar as autoridades, com o documentário, para a necessidade de preservar o pouco que ainda nos resta dos cemitérios abandonados. E esta promessa já obtivemos do Secretário da Cultura, René Dotti, nosso primeiro espectador oficial.

Várias foram as tentativas para fazer este documentário e vários os anos de estudos e pesquisas, desde a dificuldade para adquirir material em 35 mm, até filmes e filmadora. Decididamente não foi fácil. E para contrarmos equipes para fazer o documentário, seria muito oneroso para um trabalho de idealistas.

Conseguimos uma câmara Arriflex de segunda mão, 35 mm, e fomos à luta. Para achar os locais, tivemos que adotar o lema "quem tem boca vai a Roma": um verdadeiro trabalho de garimpagem, buscando imagens que pudessem captar dimensões que mostrassem ao fundo os reais vestígios da Revolução paulista de 24 na região oeste. Foram gastos em torno de quatro meses à procura de imagens nos locais onde havia as trincheiras, cemitérios e personagens vivas da história conciliando o estúdio com as filmagens. Poucos são os moradores da região que ouviram falar da Revolução, um ou outro, através de amigos e parentes que viveram e perderam tudo com esta luta sangrenta. Na maioria das vezes chegava até a ser cômico, falando que o "tiro-teio aparou todo o mato, era como se tivessem roçado".

Hoje temos a certeza de estar cumprindo com a nossa obrigação. Este trabalho foi difícil mas glorificante. Acima de qualquer autodisciplina temos que ser entusiastas e idealistas, e este é um dos únicos bens verdadeiramente nossos. Não se aprende; se tem.

Nossa preocupação e o objetivo maior é o de preservar para a memória histórica fatos que contribuíram para chegarmos aos dias de hoje. A passagem de revolucionários e legalistas no oeste não encontra espaço nos livros escolares.

E o nosso documentário pode até ser instrumento didático para as escolas.

E estamos preparando novas investidas. E o cinema tem, acima de tudo, uma função sócio-cultural. Sem cumpri-la, descaracteriza-se. Perde seu sentido maior.

Sérgio Sanderson

A REVOLUÇÃO

Em 1924, jovens oficiais do exército brasileiro, cansados do domínio oligárquico que governava o Brasil e os Estados, resolveram tentar acordar a "consciência nacional". Conceberam, para tanto, uma revolução armada a nível nacional. Os jovens tenentes foram batidos em São Paulo e Rio Grande do Sul, acabando por se refugiar no oeste paranaense. Em Belarmino, Catanduvas, Formigas etc., travaram-se as maiores batalhas contra as tro-

pas legalistas, infinitamente superiores em homens e armamentos.

Apesar de derrotados, a presença dos revolucionários na região teve importantes desdobramentos: revelou a opinião pública o sistema de exploração quase escravista que vigorava no oeste: as "obrages" dos proprietários argentinos; a desnacionalização da chamada "fronteira guarani"; marcou o fim da estratégia militar da "guerra de trincheiras" e iniciou a chamada "guerra de movimento".

Ruy C. Wachowicz — historiador

PARAGUAY: ERRO GEOGRÁFICO

Jorge Canese
Desenho de Lívio Abramo

Não sou escritor de artigos-ensaios nem faço jornalismo. O fato de que 'deva' escrever estas notas deve-se ao fato-evento-acontecimento de ter sido e estado (convidado pela Associação de Professores de Espanhol do Paraná) na bonita cidade de Curitiba em set./87, e com tal motivo e sendo aconchegado e 'mimado' generosamente por curitibanos e curitibanas (e paraguaios e paraguaias que lá vivem), estive de-visita ao *Nicolau*; e ali estando, conversando com seus diretores sobre minha visita, sobre o Paraná e sobre o Paraguai, não pude negar-me (lhe), ao Wilson Bueno (nem ao Brand) umas notas sobre a mediterraneidade paraguaia. E então, aqui estou.

Sou paraguaio e sou poeta ou poeta (do guarani: o que erra), como prefiro titular-me/pontuar-me, e tenho, portanto, com meu próprio país uma rela(xa)ção conflituosa, como são todas as relações afetivas-intimas.

Bueno me disse 60 linhas e eu não gostaria de (ultra)passar-me. Paraguai: incógnita. Paraguai lugar de passagem e tráfego, da Colônia em diante. Paraguai, país pequeno-mediterrâneo encravado em/entre vários 'grandes' da América Latina. Paraguai, com drenagem comercial-cultural primigênia e originária com/rumo ao Rio da Prata, águas abaixo. Paraguai, caminho para o este, em direção ao Brasil, logo a partir dos anos 60 deste século. Paraguai, apesar da guerra com/contra a Bolívia (1932-35), ainda quase sem comunicações nem relações com esse também mediterrâneo país, irmão-vizinho?; via natural de trânsito-intercâmbio rumo ao norte, o altiplano e o pacífico. Com Maiúsculas: o Paraguai de López e a "Triple" (Tríplice Aliança) e toda essa absurda e estigmática guerra. O Paraguai do Dr. Francia (mito-antimito?). E hoje-em-dia o Paraguai de Stroessner e vislumbre-acaso de acaso de todo um demasiado longo período de sem-história, de sem-realidade(?), de oco, cunhal, espinho, poço cultural, etc. etc. etc. (que tem-terá suas razões e seu tempo).

É fácil afirmar que o Paraguai é/foi, e será?, um erro histórico; é o comum, o convencional, o corrente; e a esquerda e a direita o afirmam, os bons e os maus, a história oficial paraguaia e latino-americana o dizem, cada qual a seu modo. Eu preferiria sustentar a hipótese do Paraguai como erro geográfico, não só pela passagem/tráfego, trágico?, e os contrabandos de fabulosas e pequenas toneladas, mas também pela função/posição de lixeira, lugar da desordem, do atraso, da incomu-



Há males que vêm para bem. A passagem dos paraguaios pelo Rio da Prata, rio de acesso ao vasto mundo, à economia internacional, só se fazia, no passado, mediante especial merce da Confederação Argentina. O preço exigido, porém, era o Paraguai confederar-se na unidade platina, sob a hegemonia portenha. Francia, o ditador fundador, disse não, e inventou o país como autarquia, república autônoma, auto-suficiente, que precisava do mundo para quase nada. Armas e munições trocavam-se com os portugueses/brasileiros na linha São Borja/Itapua (atual Encarnación), pela terra de ninguém de Entre Rios.

A esfinge adormecida por Francia voltaria a pronunciar seu dilema para os López. Carlos Antonio tenta uma resposta, testando o modelo autônomo francista com um grau já intenso de relações exteriores, e Francisco Solano, filho mais velho, herdeiro da tempestade resultante, arrostaria as últimas con-

seqüências dessa abertura até a Guerra Grande e Cerro Corá.

A questão é: haveria Paraguai como nação independente não fosse o Paraguai nação de rio-acima, terra-adentro? A questão n. 2 é: como pode existir a nação assim formada sob um quadro de acesso condicional ao mais-do-mundo?

Nas linhas ao lado, o poeta Jorge Canese, dos valores mais originais da vanguarda paraguaia contemporânea, pensa o dilema sobre que se assenta a própria história de sua pátria. E traz soluções surpreendentes para o enigma. Também a convite de *Nicolau*, Lívio Abramo, artista brasileiro definitivamente inscrito na história de nossa arte moderna, do mesmo cla dos Abramo que nos deu Cláudio e Rhada, paraguaio por opção desde 1957, ilustra Jorge Canese. A tradução é de Josely Biscaia Vianna Baptista.

Jaques M. Brand

nicação. Nesta linha de pensamento, uma vez afirmei em Buenos Aires que o Paraguai podia muito bem ser para a América Latina o equivalente (ou completar a lista) do inconsciente freudiano. Mas, se afirma-se que o Paraguai é (até) um erro geográfico, o silogismo seguiria-seguiria por si-só e diz: (*Erro*) A.L. é um enorme erro político. E os termos de irmandade e até de 'bons vizinhos' começam-começarão a fraquejar, a soar ociosos, vazios, a cair; e aí tem-se vontade até de revisar as convicções, as convenções e o 'real' da história, os antecedentes, causas e conseqüências das ações e declarações-declamações dos que têm a honra (?) de figurar como nossos heróis.

É claro. Esta hipótese ousada pode abrir-abriria(?) as portas a uma necessária recategorização e revalorização da escala de valores 'humanos', 'políticos', sociais, históricos, geográficos e culturais (sempre último-*kunái*) latino-americanos.

Paraguai: erro geográfico obriga a afirmar que a A.L. não existe clara e simplesmente porque nós, os que vivemos neste conglomerado balkânico-balkanizado de países ao sul-centro e norte(?) deste continente chamado América e que utilizamos — na grande maioria — línguas latinas comuns/similares que facilitaríamos nossa relação e intercâmbios, (acontece que) sequer nos conhecemos. Nem de-costas. Um pouco pior. Não há/houve ainda nem aos menos começo (suficiente). E o Paraguai talvez seja uma das-suas (?) partes mais abandonadas, o 'irmãozinho' pobre, o ator a quem deram/tocou o pior papel.

Não acredito nas declarações-declamatórias grandiloquentes. Prefiro os fatos concretos (e consumados) e é por isso/por isto que estou/me encontro preenchendo as 60 linhas do Bueno. E *bueno*, o espaço (e o tempo) se acaba e não é-será coisa-questão de cansar. Esper(ar)-emos que a re-incidência seja/cheque a ser cada vez mais possível. Até sempre (e obrigado).

Jorge Canese nasceu em 1947 em Assunção, Paraguai, onde vive. Publicou *As Poesias* (1977), *Esperando el viento* (1981, Ediciones Diálogo, Calle Brasil 1391, Assunção, Paraguai, 52 pp), *Paloma blanca, paloma negra, Ahata Aju* e, em 1986, *(De quai) La gente no cambia* (Arte Nueva Editores, Calle Montevideo 1687, Assunção, Paraguai, 131 pp).

Lívio Abramo, dos primeiros artistas em São Paulo a se interessar pela classe operária, começou a produzir nos anos 20, sob a influência de Goeldi e dos expressionistas alemães e a orientação de Segall e de Fiori. Fixou-se mais tarde no Rio de Janeiro e a partir de 1957 no Paraguai. Prática o desenho, a pintura, a água-forte, a xilogravura.

João Manuel Simões



NEM ESSE, NEM AQUELE: ESTE

Quero este poema claro,
sem circunlóquios, sem ambigüidade.
Direto, simples, puro.
Nem doce, nem amaro.
Suculento. Tal qual fruto maduro.

Quero este poema exato,
sem hermetismo ou retórica vã.
Só com a transparência
de qualquer coisa ou fato:
flor ou sol, pedra ou pássaro, manhã.

Quero este poema enxuto,
sem polimento, sem lapidação.
Exatamente como
um diamante bruto
que acontece de súbito no chão.

■ João Manuel Simões, poeta, ensaísta, contista, é autor de mais de 30 livros, entre os quais *Súma poética* (Civilização Brasileira, 1979), *Odas, elegias e outros poemas* (Thesaurus, 1987), *O Anel circular e outras cantos* (Philobiblion, 1986).

A evolução do ensino superior no Brasil tem uma história recente. Ponto de resistência da política colonial lusitana, o ensino superior se fez, nos séculos 16 e 17, sob monopólio eclesiástico. Posteriormente, com a expulsão dos jesuítas e a partir da transmigração da Família Real para o Brasil, em 1808, foram criados cursos e instituições de caráter público e sentido utilitário, especialmente instalados no cixo Rio-Bahia, *habitat* da Corte de então.

A disputa política pelo sedimento de universidades foi intensa, particularmente durante o Império, e revelada, esta disputa, pelo vaim de incontáveis anteprojetos.

Entretanto, é na virada do século, quando o ensino superior brasileiro parece tornar-se um caso nacional em descaso, que vão brotar as iniciativas regionais por efeito, de um lado, de uma descentralização conveniente e, por outro, em decorrência de uma mais marcada preocupação local com a moral e a cultura.

Nesse contexto situa-se o sonho paranaense de Rocha Pombo, em 1892, que não ultrapassou em sua concretização os arranjos legais

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA COMEÇOU AQUI: CURITIBA, 1912

Rejane de Medeiros Cervi

Um dos mais altos vôos da vontade de Rocha Pombo, levado a cabo por Victor do Amaral e Nilo Cairo: há 75 anos lançava-se a pedra fundamental da primeira instituição de ensino superior no Brasil: a Universidade do Paraná. Para bem do saber e do fazer.



foto arquivo UFPR



e planos formais, atingindo seu ápice por ocasião do lançamento da pedra fundamental do que seria seu primeiro edifício em terreno de antigo largo, hoje Praça Ouvidor Pardinho.

Vinte anos mais tarde, sob a liderança de Victor Ferreira do Amaral e Nilo Cairo da Silva, e graças ao clima de liberdade que pairava sobre a atividade educacional (Lei Rivadávia Correia, de 1911), em 1912, foi criada a Universidade do Paraná.

Ainda não havia passado três anos desde a sua fundação, quando uma nova conjuntura política nacional, apoiada em reformas no campo social (aqui nos interessa aquela aplicada à educação pelo ministro da Educação e Saúde, Carlos Maximiliano, em 1915) vem obstar a existência das universidades brasileiras nascentes. E a fórmula para derrotá-las foi razoavelmente simples: as instituições precisavam ter mais de cinco anos de existência, estarem sediadas

em cidades com mais de cem mil habitantes e comprovarem um patrimônio sólido.

A Universidade do Paraná tentou fazer reconhecer sua força intelectual, pedagógica e material, e contou, para isto, com o apoio governamental estadual e municipal. (Há algumas anedotas sobre as tentativas de um censo, à época, no sentido de lograr números às custas de recontagens e assimilação de periferias um tanto quanto longínquas.)

Malogrados os mais heróicos empenhos de professores e políticos junto à esfera nacional, adotou-se uma solução formulada por João Ribeiro de Macedo Filho, que articulava os programas formativos da universidade em uma "federação de faculdades". Direito, Engenharia e Medicina coexistiram, desde então (1919), formalmente desmembradas, sob um mesmo teto — o Palácio das Luzes ou Palácio da Santos Andrade — e sob uma mesma direção moral, a do Dr. Victor Ferreira do Amaral.

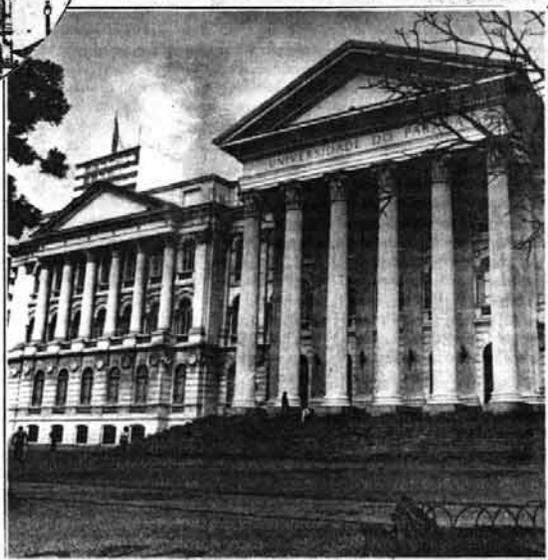
Em 1946 amadurece politicamente o processo de restauração da Universidade do Paraná. O mesmo Macedo Filho lidera o "empolgante acontecimento", conforme anunciou a imprensa à época. Sob a influência do ministro Ernesto Souza Campos, o presidente Dutra assina a equiparação da universidade. Passam a constituir-se as faculdades de Direito, Medicina, Engenharia e Filosofia, Ciências e Letras, esta última criada em 1938.

A institucionalização de nossa universidade está marcada, ainda e finalmente, pela federalização ocorrida em 1950, processo animado pelo empenho obstinado do professor Flávio Suplicy de Lacerda.

O perfil atual da Universidade Federal do Paraná é resultado das sucessivas reformulações estruturais levadas a cabo após 1970, sob a inspiração da Lei 5540/68, que reformou o ensino superior brasileiro. Ela conta, hoje, com 1.892 professores, 2.511 funcionários e 14.381 alunos, distribuídos em 41 cursos de graduação e 26 de pós-graduação, cobrindo todas as áreas básicas do conhecimento. Através de seus órgãos suplementares, ainda, ela desenvolve a música, a cultura e o esporte e atende à saúde pública. Desde o começo da década de 40 abriga a Escola Técnica de Comércio.

Em seu processo de consolidação, a Universidade Federal do Paraná deu ensejo à adoção do cognome "Cidade Universitária", e "por ende", "Cidade Sorridente" à capital do Estado.

Em seu 75.º aniversário, a Universidade Federal do Paraná mune-se de suas provas históricas, curiosamente não de todo conhecidas pelos historiadores brasileiros, e comemora a sua condição de mais antiga do país.



Passado e presente. O senhor de chapéu-coco, no primeiro ato da Universidade, é o presidente (hoje seria o governador) Carlos Cavalcanti de Albuquerque. Em 1952, após a terceira reforma, o perfil atual da Universidade, já federalizada. No retrato oval, o prédio construído pelos irmãos Bergonze a partir de projeto de Baela de Faria.

Rejane de Medeiros Cervi é professora titular de Educação Comparada e coordenadora geral do Programa de Comemorações do 75.º Aniversário de UFPR.

PUXANDO ANGÚSTIA

Roberto Gomes

Descendente dos velhos *crônicas* medievais, que chegam a apresentar, como em Fernão Lopes, algumas das suas qualidades mais notáveis — o apreço aos pequenos detalhes significativos, o testemunho pessoal, a nota lírica da passagem do tempo —, a crônica deu-se muito bem na literatura de língua portuguesa. Marcada pela leveza, descompromisso temático, liberdade formal, é contudo um gênero de difícil domínio, talvez por essa mesma indeterminação, que quase tudo deixa ao arbítrio do cronista. Como se vê nesse número do *Nicolau*, com a assinatura de mestre Fernando Sabino. O escritor Roberto Gomes, muito a propósito, faz em paralelo o registro dos tempos em que lia exaustivamente o clássico Sabino de *O Encontro Marcado*. Boa leitura.



Nunca saberei quantas vezes li *O Encontro Marcado* entre 1961 e 1963. Foram muitas. O suficiente para que eu, que não consigo decorar a mais singela trovinha, fosse capaz de desfiar páginas seguidas deste romance. Eu e Sílvio, companheiro de chope e cuba-libre, inventamos a brincadeira. Se a conversa estava *down* ou se pintava algum chato na roda, Sílvio dava a largada:

— A casa tinha três quartos, duas salas, banheiro, copa...

E eu:

— ...cozinha, quarto de empregada, porão, varanda e quintal.

E seguíamos em frente, até onde a memória agüentasse e enquanto o chato não desse o fora.

Um dia, depois dos mencionados chopos e cubas, fomos para a boate, que naquele tempo era uma zona. Ao entrarmos, Sílvio bateu os olhos numa mulata nova no pedaço. Perguntou ao porteiro:

— Quem é?

— Floripes.

Sílvio atravessou o salão aos berros:

— Floripes! Tem um osso no meu pipiu!

Seu Nézinho, um sargento da polícia que cuidava do ambiente — e naquele tempo mesmo a zona era um lugar de respeito — foi incapaz de entender a referência literária e quis nos colocar a bofetões porta afora.

Às vezes a brincadeira permitia citações dentro da citação:

— *It is the particular penalty of those who pursue strange butterflies into dark forest...*

— *We work in the dark...*

E imitávamos ao vivo:

— Patife, nunca leu Henry James!

— Quem fala! Já ouviu falar

em Radiguet?

Doidos de álcool, madrugada e tédio, à beira do rio Itajaí:

— Meu Deus! Há quanto tempo eu não via uma vaca!

— E a solidão, como um dardo...

— Chega!

Chega.

Depois, passei anos esperando o "outro" romance de Fernando Sabino. Foi imenso o satanismo com que todos cobramos este segundo romance. Na verdade, queríamos reler *O Encontro Marcado*. Quando, em 1985, conheci pessoalmente Fernando, senti a bronca que ele tem de ser uma espécie de prisioneiro do primeiro romance. Por isso não contei a ele estas e outras palhaçadas que inventávamos, eu e Sílvio, numa ingênua Blumenau pré-golpe militar. Talvez por isso acabei inibido, conversei pouco, não entrei em sintonia. Passei a noite atracado ao copo de uísque e lembrando do Sílvio. O que ele faria numa situação destas? Falar nisso, nem sei onde se meteu Sílvio. Não falo com ele há quantos anos? Fiz cálculos, enquanto o Fernando contava uma viagem de navio pelo Pacífico. Vinte e três anos! descobri súbito, me sentindo definitivamente velho, um matusalém decadente. Pedi outra dose, resmunguei alguma coisa para dar a impressão de que participava da conversa — vinte e três anos! — enquanto o Fernando pedia para colocarmos a outra fita no vídeo: era o melhor jazz que trouxera dos Estados Unidos. É, pensei, ele também gosta de jazz. Até escrevi uma pequena história do jazz. Não, não: quem escreveu isso aí foi o Sérgio Porto, ele escreveu um livrinho sobre os lugares-comuns, é isso, acho que estou bêbado.

Em 1979 chegou o segundo romance: *O Grande Mentecapto*. Me fartei. Valeu a espera. É claro que alguns pequenos mentecaptos falaram mal do romance; o meio literário anda cheio de homens que sabem javanês. Ah! se esse livro fosse escrito em espanhol por algum Mário Juan de las Picas! Seria a glória dos abobalhados pela latino-américa.

Como se vê, sou inteiramente incapaz de escrever sobre Fernando Sabino. Sei apenas que escritores são feito vinho: existem diferentes tipos, de diferentes safras. Há escritores que admiro embasbacado: Machado de Assis, Cervantes, Guimarães Rosa. Outros, leio com um prazer enorme, quase com fome: Sartre, Morávia, Dostoiévski. Numa terceira categoria estão aqueles que disparam em mim algum gatilho inconsciente que me obriga a escrever: Nelson Rodrigues, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Fernando Sabino. Estes últimos, aos quais sempre imagino dever mais, atingem em mim alguma obsessão neurótica, aquilo que procuramos para sempre sem jamais encontrar, feito a lenda reconstruída em *O Encontro Marcado*: o sujeito passou a vida inteira procurando o seixo que transformasse qualquer metal em ouro. Anos e anos seguidos apanhando todo seixo que encontrava pelos caminhos do mundo e batendo com ele na fivela de metal. Nada. Até que um dia, olha para a fivela e vê que ela se transformou em ouro. Onde? Quando?

Chega.

Roberto Gomes é autor de *Alegres memórias de um cadáver* (Curitiba, Criar Edições, 2 ed. 1981) e *Crônica da Razão Tupiniquim* (Curitiba, Criar Edições, 8 ed. 1986), entre outros.

CREME DE BARBEAR

Fernando Sabino

É NATURAL que ele, já sendo o que se convencionou chamar de um homem de certa idade, ganhe presentes no dia de seu aniversário. Afinal, fez vários amigos ao longo da vida, além da fama de excelente jornalista deixada em tudo quanto é redação por onde passou.

O que não é natural, segundo ele próprio, é que as pessoas não tenham critério ao presentear os aniversariantes. Embora estimando conhecê-los bem, jamais lhes dão presentes compatíveis com seus hábitos ou sua maneira de ser.

Aquele creme de barbear, por exemplo. Lembra de uma pessoa querida, nem por isso um artigo de luxo, tendo na embalagem o nome e as cores de uma *griffe* famosa, se incluiria entre as coisas que gostaria de ganhar: estava habituado havia mais de trinta anos a usar um sabão de barba comum, encontrável em qualquer farmácia de bairro.

O presente vinha acondicionado num artístico cilindro de metal e era dos mais modernos, tipo *spray*. Pressionado na extremidade superior, transformava seu rosto num verdadeiro bolo de noiva: a pele se cobria de uma substância branca e fofa como creme *chantilly*, onde a lâmina do aparelho se afundava sem direção e acabava fazendo surgir junto ao pescoço a manchinha vermelha de um corte.

Irritado, resolveu guardá-lo para sempre e retomar ao seu antigo sabão. Só que o tubo do novo creme de barbear era longo e volumoso, não cabia no armarinho sobre a pia, junto aos demais petrechos de toalete. Teve de deixá-lo no beiral da janela, à falta de melhor lugar.

Findo o seu banho, todavia, ao abrir a janela basculante para que se escoasse o vapor do chuveiro, o tubo caiu e rolou pelo chão.

O jeito era se livrar logo do maldito presente. Mas como? Não se sentiria bem simplesmente atirando-o fora, tendo em vista a estima que o ligava a quem o havia dado. Além do mais, devia ter custado caro, e nem ele era perdulário a ponto de jogar no lixo artigo tão fino, não teria coragem. Por outro lado, via-se impedido de passá-lo adiante, presenteadando alguém mais, pela sua já mencionada convicção de que só se deve dar presentes adequados ao presenteadado. E quem, entre suas relações, tinha barba digna de tão sofisticado implemento de toalete masculina?

Ocorreu-lhe então que a solução mais condizente com a tranquilidade de sua consciência seria deixá-lo em algum lugar público, onde um anônimo pudesse recolhê-lo — na sua suposição de que aquele que o fizesse naturalmente seria movido pelo desejo de usá-lo.

Ao sair para o trabalho, meteu o objeto indejado no bolso, disposto a abandoná-lo bem à vista de quem dele quisesse se apropriar.

No banco do ônibus, por exemplo: como não houvesse outro passageiro a seu lado, no momento de saltar o deixou disfarçadamente no assento junto à janela e foi saindo.

Não chegou a sair:

— Psiu, o senhor aí! Tá esquecendo um troço ali no banco.

Era um jovem, no banco fronteiro, um escolar, desses impertinentes que nada tem a fazer além de se meter na vida alheia. Voltou para apanhar o “troço”, desceu do ônibus a empunhá-lo como um troféu da sua incompetência para viver. E os transeuntes na rua o olhavam a se perguntar o que pretendia aquele sujeito empunhando um tubo de creme de barbear.

Os colegas de trabalho talvez houvessem notado o volume do objeto de novo no bolso de seu paletó, mas, não sendo bisbilhoteiros, se abstiveram de interpelá-lo. À tarde voltou para casa de ônibus, como na ida, sem ter oportunidade de se desfazer dele. Morando sozinho, até o seu pequeno apartamento lhe parecia agora por demais modesto para acolher tão luxuoso artigo, ainda que largado em qualquer desvão. Decidido a se livrar dele naquela mesma noite, tornou a embulhá-lo para que o fizesse discretamente, sem chamar atenção.

Com o embrulho debaixo do braço, sentiu-se um terrorista a agir na calada da noite, quando cruzou com dois PMs que conversavam numa esquina: só podia ser uma bomba-relógio, aquele estranho objeto que ele carregava consigo, de fabricação caseira mas de alto poder explosivo. Teve

de caminhar quatro quadras até se livrar da suspeição que certamente sua atitude esquivada despertara nos policiais. Largou o embrulho no ângulo mais escuro da soleira de uma porta e se afastou rápido, refazendo seu caminho até em casa. Tornou a passar pelos guardas na esquina e desta vez não foi apenas impressão — viu que eles interrompiam a conversa para olhá-lo, ar intrigado. Se fosse seguido, não fugiria — decidiu: pararia para enfrentá-los, disposto a contar tudo.

Nada mais de extraordinário lhe aconteceu: livre daquele problema, pôde afinal dormir ao embalo de outras preocupações mais antigas.

No dia seguinte foi surpreendido com a visita matinal de uma velha amiga:

— Não pude vir lhe dar um abraço — disse ela: — Mas não me esqueci de seu aniversário.

E lhe estendeu o presente que trouxera. Ele não precisou abrir o embrulho para ver de que se tratava. Não era propriamente da mesma marca do outro, mas similar, também de *spray*.

A partir de então, está decidido a deixar crescer a barba.

Fernando Sabino é autor de *O homem nu* (Record, 21 ed., 1982), *O encontro marcado* (Record, 41 ed., 1983), *A mulher do vizinho* (Record, 12 ed., 1983), *O menino no espelho* (Record, 9 ed., 1983), *A taxa de dois gumes* (Record, 1985), entre outros.



OS RAPAZES DE 40 E SUAS REVISTAS

Cassiana Lacerda Carollo

Com o Simbolismo, que pegou o rabo-de-cometa de fim de século e dobrou o cabo do século XX, Curitiba viveu uma ebulição literária atípica em seus ares gelados: as várias revistas que pintaram na época fizeram história. Depois, tempos de eclipse, até que nos anos 40 define-se outro momento importante para as belas letras da terra — de novo quantidade e inquietação: no azul-cerúleo céu da cidade surgem as revistas de 40 e seus rapazes, alguns dos quais hoje em dia ainda lutam — nem sempre em vão — com as palavras: Dalton Trevisan, Wilson Martins, José Paulo Paes, entre outros.

nuo egotismo da adolescência". (*Literatura e Sociedade*, 1967).

ENTRE A ROTINA E A CRÍTICA AO MODERNISMO

No mesmo artigo em que comenta as "publicações de rapazes entre 35-45", publicado nos *Diários Associados* (jul., 46), Antônio Cândido já observava que comparativamente com as demais revistas de seu tempo, *Edifício*, *Magog*, *Provincia de S. Pedro*, *Joaquim* tinha que ter "músculos para a luta", pois em relação à literatura local tudo estava por fazer, "era preciso derrubar fósseis e educar o gosto dos leitores".

A classificação de "heróica e irreverente" soma-se à repercussão do texto "Emiliano, poeta mediocre", de Dalton Trevisan (republished, em 1948, na *Gazeta do Povo*, com o título "Emiliano, poeta perneta") que, juntamente com o "Viário, hélas! e abaixo Andersen", do mesmo autor, provocaram a aguardada ruptura junto à cultura local, contribuindo assim para que Joaquim centralizasse os esforços de inclusão do Paraná nas idéias do século XX.

No entanto, outras revistas antecederam Joaquim na tarefa de atualização da linguagem, na discussão das questões do presente e na modernização da mentalidade local.

O próprio Trevisan já havia iniciado o seu percurso de ruptura e irreverência quando dirigiu *Tingui*, jornal de ginasianos, entre 1940-43.

Periódicos de estudantes como *O Livro*, em sua primeira fase de 1939, *A Palavra*, de 1939, o já citado *Tingui*, *A Idéia*, de 1943, *A Ilustração*, no período de 1939 a 1945, e depois de Joaquim, *Guafira*, em 1949, esclarecem os caminhos percorridos pela *intelligentia* local na reflexão da modernidade e da cultura brasileira marcada pelo Estado Novo e a II Guerra.

ANTES DE JOAQUIM: TINGUI

Tingui, que circulou em Curitiba de março de 1940 a dezembro de 1943, é um capítulo das juvenildades de Dalton Trevisan. Se sua retomada pode irritar o autor de *O vampiro de Curitiba*, pelo seu conhecido zelo em incentivar o desaparecimento de versões ou textos que considera superados, deve-se entender o pequeno jornal como um repositório fundamental de informações sobre um momento de nossa literatura e uma etapa na produção de seu diretor.

Ler *Tingui* é tarefa que deve partir dos limites da valorização e do que se pode exigir de um "escritor" de 15 anos. Logo, é um exercício que está longe de ser situado no interesse pela arqueologia dos possíveis pecados juvenis do escritor. Ali estão dúvidas, im-

Uma geração começa a existir no dia em que não acredita nos que a precederam, e só existe realmente no dia em que deixaram de acreditar nela.

Ledo Ivo (*Orfeu*, 47)

Elle n'a rien à continuer, cette génération, elle a tout à créer.

Stendhal

(Epígrafe de Joaquim sugerida por W. Martins). Todo programa novo tem que ser verbalmente novo.

Maikóvski

OS "POST-MODERNISTAS"

Paradoxal a literatura brasileira depois de 30. Difícil separar momentos límbicos, tendências, grupos, no período emparedado entre o prestígio dos modernistas e do modernismo e o experimentalismo de vanguarda representado, em particular, pela poesia concreta.

Debatendo-se entre o engajamento — questão exasperada pelo Estado Novo e II Guerra — e o esteticismo, nascido da crítica à dispersão e à gratuidade lúdica dos modernistas, — o período 40-50 foi suficientemente prudente para renovar. Seus paradoxos podem até ser acompanhados nos rótulos que recebeu: neomodernismo, construtivismo, antimodernismo, geração de 45, instrumentalismo, neo-hele-nismo, post-modernismo, neoparnasi-anismo.

Se tais etiquetas dizem pouco, ao menos permitem evidenciar algumas preocupações e tensões de um momento mal compreendido da literatura brasileira, onde intercalam-se várias correntes, ora por oposição, ora por complementação.

O que parece inegável é o papel da crítica ao modernismo como tema inspirador de avaliações paradoxais e preconceituosas.

Desencadeada por Mário de Andrade, a revisão do modernismo já aparece no *Empalhador de passarinhos*, na crítica à "desritmização boba" e à temática de "pó de traque", tomando proporções mais contundentes na conferência de 1942, quando cobra de sua geração a ausência de compromissos com a realidade brasileira.

A poesia da "geração de 45", no momento em que se viu limitada a avaliações que evidenciam seu caráter formalista, foi a maior vítima da pretendida revisão do modernismo.

É nesta esteira que vão as críticas que a reduziram a uma "geração enganada e enganosa", uma vez que seu desejo de volta à ordem "pós-gravata na literatura", resultando numa literatura de moços bem comportados "em nenhuma hipótese capazes de fazer pipi na cama da literatura". (J.G. Merquior, *A razão do poema*).

Do debate interessado nas relações com as novas angústias sociais as restrições também irão longe: "Os ho-



mens de 45 não souberam o que fazer com o cadáver do Estado Novo, tropeçaram nele". (E. Portella, *Literatura e realidade nacional*)

Também a tentativa de retorno ao lirismo fundamental é vista com desconfiança por Wilson Martins, quando aponta o caráter estetizante da "geração de 45" e seu encaminhamento para a gratuidade, criticando a mesma clivagem em relação à prosa do período, dividida entre o esgotamento do romance "nordestino" e o romance "universal ou psicológico."

A compreensão dos aspectos negativos e positivos deste momento da literatura brasileira acaba demonstrando a inexistência de uma única tendência. É o que prevê João Cabral, em uma série de artigos datados de 1952: "Não existe uma poesia, existem poesias".

Gilberto Mendonça Telles, que há muito vem estudando o que denominou de "terceiro círculo do inferno modernista", considera em *A retórica do silêncio* (1979), que apenas uma análise desapassionada perceberá que o rigorismo formal de 45 criou uma "consciência de preocupação com a linguagem poética"; e mais, todos os poetas que viveram na mesma época passaram por uma experiência comum que os fez pensar numa "mais ou menos generalizada nostalgia do estético, cujas origens podem ser estrangeiras" (Valéry, Lorca, Eliot, Rilke, Joyce, Mansfield, para citar os mais caros aos jovens paranaenses), ou podem ter saído do mo-

dermo.

A teoria da geração também não pode ficar restrita ao pensamento de Domingos Carvalho da Silva, Péricles E. da Silva Ramos ou Ledo Ivo. Geração rica em depoimentos, a exemplo da *Plataforma da nova geração*, de Mário Neme; do *Testamento de uma geração*, de E. Cavalheiro; da *República das Letras*, de H. Senna; do inquérito da *Revista do Brasil*, de 44, aos quais soma-se o inquérito promovido por Joaquim (46-8), é fácil perceber nos jovens de então o que José Paulo Paes sugeriu em seu artigo "Post-Modernismo", publicado em Joaquim:

"Não estamos ligados por um programa ou por uma sensibilidade comum, mas pelos defeitos comuns decorrentes de fontes de influência respectivamente comuns (...). As qualidades a surgirem futuramente vão separar-nos transformando-nos em artistas." (...) "Por fim, não devemos nos esquecer, levados por um vago universalismo ou por metafísicas intemporas, da triste e apelativa realidade brasileira: nossa obra precisa ter outras raízes mergulhadas na terra, além de simples malabarismos folclóricos." (Joaquim, n.º 18, maio, 48)

Logo, uma visão desapassionada da produção literária de 35-45 é, antes de tudo, aquela sem preocupações maniqueístas ou interessada em rótulos.

Daí porque para Antônio Cândido o balanço significativo deste momento são as revistas e agrupamentos poéticos formados por "rapazes excessivamente maduros, outros com o ingê-

pressões de leitura, exercícios de criação onde podem ser mapeadas opções temáticas e técnicas, além da gênese de uma relação crítica com a cultura provinciana.

Nascido como "órgão de ginasistas", interessado em atender "aos anseios estudantis", o pequeno jornal revela em sua primeira fase uma espécie de relação amena com a província, indicada até nos apelos paranasistas do título do jornal, cujas origens vêm reforçadas pela transcrição de um texto de Romário Martins.

As atividades de *Tingui*, cuja redação na Rua Emílio Perneira abrigará também a sede de *Joaquim*, são basicamente o resultado do empenho de seu diretor, que já adota expedientes que retomará na revista.

É o caso da participação de Antônio Walger, nesta fase aventurando-se também na poesia e no conto, atuando como uma espécie de gerente do jornal e responsável pelo apoio financeiro resultante dos anúncios, o que permitiu que os dois periódicos pudessem privilegiar a circulação dirigida.

Tingui também promoverá edições a exemplo de *Sonetos tristes* e *Visões*, ambas de 1941, porém anunciava estarem no prelo outros títulos de Dalton Trevisan: *A pensão*, *Contos inacabados*, *Carmens* etc.

O diretor do jornal, publicando com os pseudônimos de Faminto, Rapaz, Notlad, De Alencar, é o responsável pela redação, é o crítico, o tradutor, o promotor de eventos como o concurso de contos vencido por De Alencar com o texto "Trapo", publicado no jornal com ilustração de Viaro.

Pouco a pouco os entusiasmos estudantis que motivaram a peça em um ato, *Brasil país grande* de Dalton Trevisan, ou que atribuíam grande significado às críticas de Rodrigo Júnior, tomam outro rumo.

A epígrafe, "Ao vencedor as batatas", vem acompanhada de um interesse crescente pela arte e pelas ideias de Viaro, entrevistado por Dalton no n.º 37, de janeiro de 1943.

É quando as críticas direcionam-se para o modernismo, entendido como apelo aos procedimentos fáceis de linguagem, uso do verso livre, coloquialismo gratuito, efeitos paronomásticos, além das inconseqüências do poemado.

Ora, criticar o modernismo no Paraná em 1942 é algo profundamente instigante, uma vez considerada a marca da literatura local como aquela da permanência e da rotina das correntes do fim do século.

Realmente a *Semana de 22* passou ao largo entre nós, o que não equivale dizer que não tivemos esforços modernistas atuando isoladamente, muitas vezes num clima de pouca sintonia com a renovação.

A "Semana" organizada no Clube Curitiba em 1926, a despeito do brado de "Renovação ou morte", é por si só um exemplo dos descompasso.

Reduzidos a modernistas de fachada, muitos destes poetas acabam por exemplificar as "facilidades" apontadas por Trevisan que, no entanto, também não encontrou nos *Sonetos*

tristes uma solução que ultrapassasse a marca passadista.

Tingui passa a ser realmente polêmico e interessante quando a crítica de seu diretor volta-se para o provincianismo cultural e ataca o oficialismo dos falsos gênios e muitas poses.

É nesta linha que se prepara o espírito desmistificador de 46. São os "Instantâneos de Província" anunciando a futura "profilaxia", atacando em "Perceijos, pulgas e sapos", os três tipos de beletristas locais.

Quando *Tingui* despede-se, em dezembro de 43, após publicar 42 números, as relações de Trevisan com a cultura provinciana estão alteradas: além de "contista imoral", conforme classificação de um leitor da *Gazeta do Povo*, e de "vate imoral" (as críticas sobre sua poesia resultaram em polêmica com Glauco Flores de Sá Brito), era o escritor irreverente que despontava.

Como previu no "Adeus", o jornal "foi um momento de consciência do moço do Paraná", uma espécie de "fase preparatória" que não ocorreu isolada de outras tentativas de jovens.

JOVENS DO ESTADO NOVO E DA II GUERRA

A já aludida maturidade dos moços que fundaram revistas entre 35-45, é perfeitamente evidenciada no conjunto de revistas que surgiram em Curitiba: *A Ilustração* (39-45), *Moços* (39), *O Livro* (2 fases, 39 e 45), *A Idéia* (45), além de *Joaquim* (46-8) e, posteriormente, *Guaíra* (49).

Moços, dirigida por Moacir Arco-verde e Herculano Torres, evidencia, pelos 46 colaboradores anunciados nos números consultados, um acentuado ecletismo de tendências e mesmo de faixa etária. Bem mais "séria" do que *Tingui* ou mesmo *O Livro*, fase de 39, ambas com colaboradores quase adolescentes, *Moços* tem ainda a marca de um intercâmbio incomum até então, tendo entre seus colaboradores Joel Silveira, Camargo Guarnieri e outros, além de ressaltar uma espécie de promoção da editora de novos paulistas: "Juventa".

Com *A Ilustração* e *A Idéia* percebe-se a afinidade de tendências dos colaboradores, somada a uma espécie de vetor ideológico, orientado para a discussão da função do intelectual e sua relação com as inquietações sociais e políticas.

O acesso reduzido a apenas três números de *A Ilustração*, "revista registrada no DIP", dirigida por Samuel Guimarães da Costa, secretariado por Armando Ribeiro Pinto, ainda que limite a caracterização de seu ideário deixa evidente seu compromisso com o engajamento do intelectual, acelerado pelo I Congresso Nacional de Escritores.

É este, aliás, o tema de colaboração de W. Martins no segundo número de 1945:

"O I Congresso fez-nos existir como classe socialmente atuante, (...) "afirmou definitivamente que a liberdade é o único clima compatível com a atividade artística."

O tema da democratização per-

corre a maioria dos textos da revista e orienta as homagens a Mário de Andrade, como no caso do artigo de Samuel Costa ou nas odes de Glauco Flores de Sá Brito ("Tua voz é dos homens/ não é tua particular").

Ao lado do tema da guerra, assunto que percorre o número de 1944, o debate da relação arte/sociedade persiste nas críticas de W. Martins, a exemplo de seu artigo "Democracia e Arte", publicado no terceiro e último número da revista do ano 7.

Neste mesmo número, cuja capa traz um desenho de Viaro, Temístocles Linhares publica um texto fundamental sobre o artista paranaense de Badia Pollesini.

Em "A inquietação de Viaro" Linhares resalta o significado de uma arte "incompatível com a complacência burguesa", "identificada com os problemas estéticos de seu tempo", para concluir, numa linha de pensamento que certamente inspirou Trevisan em seu "Viaro, héllas! e abaixo Andersen", que com Viaro "encerra-se o ciclo Andersen."

Em *A Idéia* vemos a atuação do mesmo "grupo", associada com a preocupação do aspecto gráfico, que neste último tinha a orientação de Sciar e Marcel, também colaboradores de *A Ilustração*.

Dirigida por Glauco Flores de Sá Brito, tendo como colaboradores Armando Ribeiro Pinto, Samuel Costa, Accioly Filho "e todos os moços do Brasil", a revista era patrocinada pela Diretoria de Educação e, talvez por isso, editada na Penitenciária do Estado.

Depondo sobre o assunto, Sciar conta que graças a esta facilidade, a revista, da qual ele mesmo já não possui nenhum exemplar devido a um acidente, tinha suas xilografuras feitas por um presidiário.

É assim que Sciar ilustra um fragmento inédito de *Terras do sem fim* de Jorge Amado, publicação altamente polêmica na época por se tratar do primeiro texto de Jorge Amado divulgado na imprensa brasileira desde que o autor fora banido em 1935.

O pioneirismo de *A Idéia* e *A Ilustração* também revela-se no papel que ambas as revistas atribuíram à crítica cinematográfica, a cargo de Armando Ribeiro Pinto, que divulga e comenta entre outros assuntos o projeto de Vinícius de Moraes para a criação de uma Revista de Cinema Educativo.

Também o cinema já atraía os jovens de *O Livro*, em 39, periódico fundado por Roberto Barroso, tendo José Cury como redator, e que depois de circular como revista de turfe com o mesmo nome (para facilitar registro no DIP), reaparece em 1945, sob a direção de José Cury.

Quando ressurge em 45, *O Livro* mantém a mesma linha editorial de "revista moderna", também anunciada por *Guaíra*, de 1949, fundada por De Plácido e Silva, secretariado por José Cury.

A modernidade de *O Livro* certamente resulta do papel que atribuiu às reportagens, associadas a excelentes fotografias, trazendo textos mais amenos ao lado de textos literários.

Contando com a colaboração de jornalistas e escritores de renome, *O Livro* promoveu um importante concurso literário e fez publicar os três trabalhos selecionados entre os 300 inscritos: *O Marinheiro*, de Glauco Flores de Sá Brito; *Os gatos*, de Armando R. Pinto e *O Aluno*, aliás o primeiro livro publicado por José Paulo Paes, que trazia na capa um desenho de Sciar.

Mapeando o conjunto de colaborações destas revistas, desde logo caracterizam-se as preocupações com as quais se defrontou a literatura brasileira pós 30, configurada nas inquietações de uma geração angustiada pelas tramas dos problemas políticos e estéticos de seu tempo.

Exatamente por terem sido os jovens que passaram por *Tingui*, *O Livro*, *Moços*, *A Idéia*, *A Ilustração*, representantes de tendências abertas a questões da modernidade, reforça-se sua participação na abertura das trilhas que resultaram na ruptura de *Joaquim*.

O reexame destas revistas, principalmente as mais voltadas para questões universais e para a restauração da função social do escritor, reforça o depoimento de Wilson Martins:

"Quando surgiu a revista *Joaquim*, eu já fazia crítica literária no jornal O Dia, de Curitiba, desde 1942 (artigos incluídos em *Interpretações, nota*) e começou a colaborar em O Estado de S. Paulo, justamente em 1946, tendo também participado do I Congresso Nacional de Escritores, em janeiro do ano anterior.

Essas atividades devem ter contribuído para me aproximar de Dalton Trevisan ou feito com que ele se aproximasse do meu próprio grupo de amigos composto por intelectuais nacionalmente conhecidos como Temístocles Linhares, Brasil Pinheiro Machado, Munhoz da Rocha." (depoimento 7/85)

Certamente o caráter de "geração eliminadora" (por oposição ao conceito de Gasset de "geração cumulativa"), reforçou e impôs o grupo de *Joaquim* como o mais significativo da década de 40, e atraiu assim colaborações dos escritores e artistas brasileiros mais representativos da literatura e artes plásticas de então.

A projeção nacional de *Joaquim*, tendo em Dalton Trevisan seu principal artífice, acompanhado de Poty, que não só ilustrou a revista como tratou questões de arte de forma polêmica, como na entrevista "Prata da casa", não permitiu que o debate com a rotina da cultura provinciana se reduziu a um plano meramente local. Por isso mesmo *Joaquim* tem acentuado seu papel na transformação do discurso modernista, ultrapassando o caráter de revista apenas marcada por "uma atitude interessada diante da vida contemporânea", para impor seu significado na conquista de uma nova linguagem.

Cassiano Lacerda Carollo é professora de Literatura Brasileira na UFRP, onde implantou a disciplina "Manifestações literárias no Paraná" (Cursos de Letras, Turismo, Biblioteconomia). Pesquisadora com publicações em revistas especializadas. É autora de *Decadismo e Simbolismo no Brasil* (INULTC), *Obra reunida de Emílio de Menezes* (J. Olympio) e *Do Simbolismo aos antecedentes de 22* (Casa de Rui Barbosa/SECE).

1. Alberto Cardoso em sua *Poenau* antes de tudo: é minimalista. Nenhuma macroestrutura a provocar a paixão do poeta para o advento do poema. Trabalha com símbolos-semoventes, esses que voam, nadam, caminham, têm asas, pernas, cartilagem e necessidades fisiológicas. A vida é pegajosa. Por isso os elementos de sua poesia são pegajosos: sofrem, gemem, cantam, tombam.

2. Na época de São Francisco ser um São Francisco ainda estava no terreno das possibilidades. A vida bucólica. A distância da comunicação de massas. O silêncio da paisagem. Se levarmos no sentido metafórico, até que a comparação não é de toda tola. E o poeta peregrina. Outros tempos. Outras representações. Morretes para o sem-fim. Consciente de que nem a linguagem, nem a ciência, nem a filosofia inventam o mundo, cumpre-lhe o dever de com os elementos mais imediatos à sua existência de caboclo e ribeirinho (que foi) engendrar poemas, pelo simples objetivo: alertar o homem para aquilo que roça-lhe os sentidos, premente de interesse vital.

3. O poeta Cardoso não sofrerá nunca do mal dos semióticos e filósofos idealistas: o *Solipsismo*. Pois sabe que a construção *in totum* está pronta, e existe, concreta, materialmente, exterior ao fenomenológico do seu pensar. A significação sim, fica por conta do poeta. Ato contínuo atribui significação às certezas dos pintalhões que o visitam e ainda não compreenderam a urbanização desenfreada do bairro.

4. O mundo exterior (sensível realidade) provoca no poeta o clã da materialização poética de uma infinidade de fatos, entre eles: o exemplo dos pássaros em voo e cantoria; a onomatopéia inaudível do rio Marumbi que (com um pouco de exagero e boa vontade) amanhã poderá virar buéiro da Sanepar; a goiabeira — referencial — que transporta o poeta, numa digressão histórica (passado, presente e futuro) sobre a infância e seus entes queridos. Como porta-voz do criador (que se faz presente — panteísta — em todas as coisas) quer como imperativo de sua poética evitar a degradação do todo natural, razão porque entende que quando a natureza morre o homem, como um composto desta, também.

5. Para o poeta a preservação da natureza é uma responsabilidade que ele não abdica nem a pau, contra pretensas intenções institucionalizadas. Toda semiologia, toda filosofia, toda ciência, de nada adiantam, se não for para acrescentar à sua poética, teleológica, de reconstrução do belo natural. O monstro anda à solta, ostensivo, aniquilando a criação.

6. Logo, em *Poenau* e em Cardoso a poesia age, como a arma de um guerreiro (tipo gaulês), telúrico, tupiniquim, irredutível nas suas certezas, e na clareza do que evangeliza: São Francisco (anacrônico) descalço no asfalto quente: os santos pisam as brasas da fogueira e riem, depois, do outro lado, quando o fogo recomeça.

Epílogo:

Homem e livro, um incluso no outro, expressam portanto uma *Razão Natural*: Potência e Impotência em atrito, por uma causa que, na concepção peculiar do poeta morretense, vale a pena:

A fonte. A fonte.
Quer mantê-la limpa.

JAIRO BATISTA PEREIRA

RESENHA

ATLAS HISTÓRICO DO PARANÁ

Está nas livrarias a segunda edição do *Atlas Histórico do Paraná*, de Jayme Antonio Cardoso e Cecília Maria Westphalen, conhecidos professores da UFPR. Cotejada com a primeira edição, esta é praticamente nova obra, tão profundo foi o trabalho de revisão e ampliação, tornando ainda melhor um livro que já era precioso. De fato um atlas histórico é guia indispensável a quem estuda o Paraná, cuja história — no dizer do professor Brasil Pinheiro Machado — tem sido a história da ocupação do seu território e da formação das comunidades paranaenses.

O *Atlas Histórico do Paraná* compõe-se de 38 mapas, que cobrem um leque de tempo compreendido entre 7.500 a. C. e 1960. Nos tempos históricos foram adotados cortes cronológicos de 20 anos. Assim, o mapa 8 retrata o período 1500-1520, ocupando-se o mapa seguinte ao segmento 1520-1540. O *Atlas*, porém, é mais que um feixe de cartas. Os seus mapas são acompanhados de comentários sobre o período retratado, de sorte que o livro pode ser utilizado não só como obra de consulta, mas ainda como uma história sintética, que se lê de forma cursiva e que se apóia nas cartas.

A destinação pedagógica é assegurada tanto pela linguagem utilizada, que é muito amena, como pela absoluta clareza da apresentação cartográfica. Esta simplicidade de texto e de cartografia tem aliás muita ciência e muita experiência. Primeiro, não é de hoje que esses professores estudam — e com muita competência — a história do Paraná. Depois o prof. Jayme Antonio Cardoso domina amplamente as técnicas de Semiologia Gráfica desenvolvidas por Jacques Bertin da Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales, com quem estagiou à época de seu doutoramento. A sua resposta fundamental — como bem resume o próprio prof. Bertin — é converter o "gráfico ilustração" em "imagem viva"; é transformar a costureira "imagem figurativa" em "imagem operacional".

E é com esta segunda edição do *Atlas* que o livreiro Aramis Chain se lança no mercado editorial, sob a chancela de Livraria do Chain, Editora. Começa bem: começa pelo que é nosso. Pelo Paraná.

JOSÉ LUIZ MERCER

POENAU. Alberto Cardoso. Feira do Poeta/FCC (Praça Garibaldi, 7). Curitiba, 1986. Esgotado.

ATLAS HISTÓRICO DO PARANÁ. Jayme Antonio Cardoso e Cecília Maria Westphalen. Livraria do Chain, Editora (Rua General Carneiro, 441). Curitiba, 1986. Cz\$ 300,00.

A HISTORIETA DE TRUZ. Vera Lúcia Didonet Thomaz. Ed. de Autor. Curitiba, 1987. Duas (2) OTNs.

POR UM TRUZ!

O livro não nasceu no século XVI, no início dos tempos modernos. Mas é aí que ele começa a se firmar. Desde então leva centenas de anos se afirmando, até se transformar, no século XIX, no firmamento da humanidade:

"Tudo que existe no universo, existe para acabar num livro", dizia, sem qualquer alarde, Stéphane Mallarmé (1842-1898).

Durante todo este tempo foi costume predominante fazer o texto escrito vir na garupa dos livros. Ambos, livro e texto (principalmente romances, a narrativa mais popular do mundo gutenberguiano), levam séculos assim, cavalgada e cavaleiro perfeitos e detestados em luta sistemática contra os redemoinhos de vento da tradição narrativa oral da Idade Média.

No entanto, apesar do sucesso, este estado estável de coisas estava destinado a sofrer profundas mudanças radicais. O agente destas mudanças seria Mallarmé, o "príncipe" dos poetas franceses, uma espécie de Princesa Isabel do mundo literário impresso.

No seu canto de cisne, o poema *Um Lance de Dados Jamais Abolirá o Acaso*, publicado em 1897 (90 anos e dois trimestres, hoje), Mallarmé revolucionou a relação texto/página, texto/livro e sua reação ao caracteristicamente oral: aboliu a *escravidão (sic)* do livro branco pelo livro preto.

Projetado como livro-poema-constelacional, o grande "Lance..." passou carta de alforria para as páginas em branco e sua sucessão no tempo. O preto da letra impressa já não submete mais a página a fundo físico e o livro a suporte manuseável, convive em pé de igualdade com estes brancos, formas livres, ativas, que participam do formato final do poema.

Uma vez mais se firma a impossibilidade da impossibilidade absoluta dentro dos confins do universo. Desta vez nos céus *ex-jetados (sic)* das páginas de um livro "náugrafo".

Com o "Lance de Dados..." começa a tomar corpo uma nova era no mundo dos livros, a era do Livro-Objeto Artístico.

A *Historieta de Truz*, a mais recente das *Produções* de Didonet (Vera Lúcia Thomaz, 37, gaúcha, "brasil-trotter" há dois anos morando em Curitiba), a um tempo traduz e trai a tradição firmada por Mallarmé: é um Objeto-Livro. Muito interessante.

À primeira vista, ...*Truz!* é uma embalagem de pinho, um tubo estampado com: flores?, pares de pássaros? e folhas?, tudo em sépia, tudo corretíssimo do ponto de vista das leis da decoração de superfícies, agradável aos olhos e, mais agradável ao olhar imaginativo. (Papiro? Pergaminho? Protolivro pré-Gutenberg?).

O texto é uma espécie de microrromance simbolista. No corpo da narrativa estão dispersas pistas (algumas bastante pessoais, outras mais universais) da linha de interpretação que deve ser seguida passo a passo até a descoberta da chave que decifra o mistério de *Truz*. É, "A Historieta de *Truz*" é um teste para a sagacidade, perspicácia e nível de informações do leitor disposto a decifrá-lo.

Algumas destas pistas de leitura nos reconduzem ao tubo de pinho e suas estampas externas, fechando o círculo, rabe comendo a cabeça, possibilitando à embalagem-suporte uma participação efetiva na constituição do sentido do texto.

O objeto quer ser lido. O objeto quer ser Livro.

Livro-o.

ALBERTO PUPPI

MAR PARAGUAYO

Wilson Bueno

A partir da língua falada neste Brasil de longas lânguidas praias e do castelhano — no caso específico o espanhol com sabor paraguaio — surge uma terceira 'língua', situada num vértice textual onde as gramáticas perdem a linha dura e cedem à voragem-vórtice do duplo: *Mar paraguayo* é um fragmento — primeira pedra — de uma 'novela em progresso', já com mais de 100 páginas. Ao mar.

Yo soy la marafona del balneario. A cá, em Guaratuba, vivo de suerte. Ah, mi felicidad es un cristal ao sol, adivinadora esfera carregada por el futuro como una bomba que se vá a explodir en los uránios del día. Mi mar. La mer. Merde la vie que yo llevo en las costas como una senhora digna perto de ser executada en la guillotina. Ó, há Dios... Sin, há Dios e mis días. Que hacer?

Hoy me vejo adelante de su olhar de muerto, esto hombre que me hace dançar castanholas en la cama, que me hace sufrir, que me hace, que me há construído de dolor e sangre, la sangre que le vertió mi vida amarga. Desde sus ombros, mi destino igual quel hecho de um punhal en la clave derecha del corazón.

Ahora, en neste momento, yo no sé que hablar com su cara dura, rojos los olhos soterrados, estos que eran mis ojos.

No, no lo maté porque sua vida se entranhava en la mia. No, fue la suerte, já lo disse. Mi suerte de adivinadora de la esfera, bólide e cristal: antes de todo yo já lo via más muerto que la muerte.

Nasci al fondo del fondo del fondo de mi país — esta hacienda guarani, guarânia y soledad. La primera vez que me acerqué del mar, o que havia eran solo el mirar en el ver — cargado de olas e azules. Además, trazia dentro em mim toda una outra canción — trancada en el ascensor, desespero, suicidados desesperos, y la agrura.

No tuve medo del gran abismo de água e espuma. Lo miré duramente aunque todo en mi era apenas una alegría de niña al sol, yo que a este tiempo já volvia, com terror e manchas blancas por los pelos, já volvia el Cabo de la Buena Esperanza.

Mi cuerpo que engordó por non salir de esta sala obscura onde traço el destino, melhor el dele, o deste hombre que mis manos acabaran de assassinar suavemente — com una disposición de cisne e sabre.

Fue simples: solamente lo tomé desprevenido e con una, una sola bordoada brasileña en la nuca lo jugué al piso del baño — estrañamente mudo y en abrupta soledad. Ninguna gota de sangre para me poner en apuros, no, ninguna.

Prossigo la arte de la sortista, casa térrea com mangueras en el jardín e sombreros por los quintales, sin hablar del sol, del rude sol manhañas, tardes e noches — el espantoso verano de Guaratuba quando se é noviembre e el mundo se pone de barracas e chicos por las playas coloridas pela tarde — esta pequena grande artista de las tintas del cielo.

A la noche tengo mi trabajo: no que me enamore, no, non es esto, lo que digo es todo un labirinto de arañas que van teciendo en las quinas de la casa, mientras me perco frente al televisor assistindo a la novela de Sonia Braga

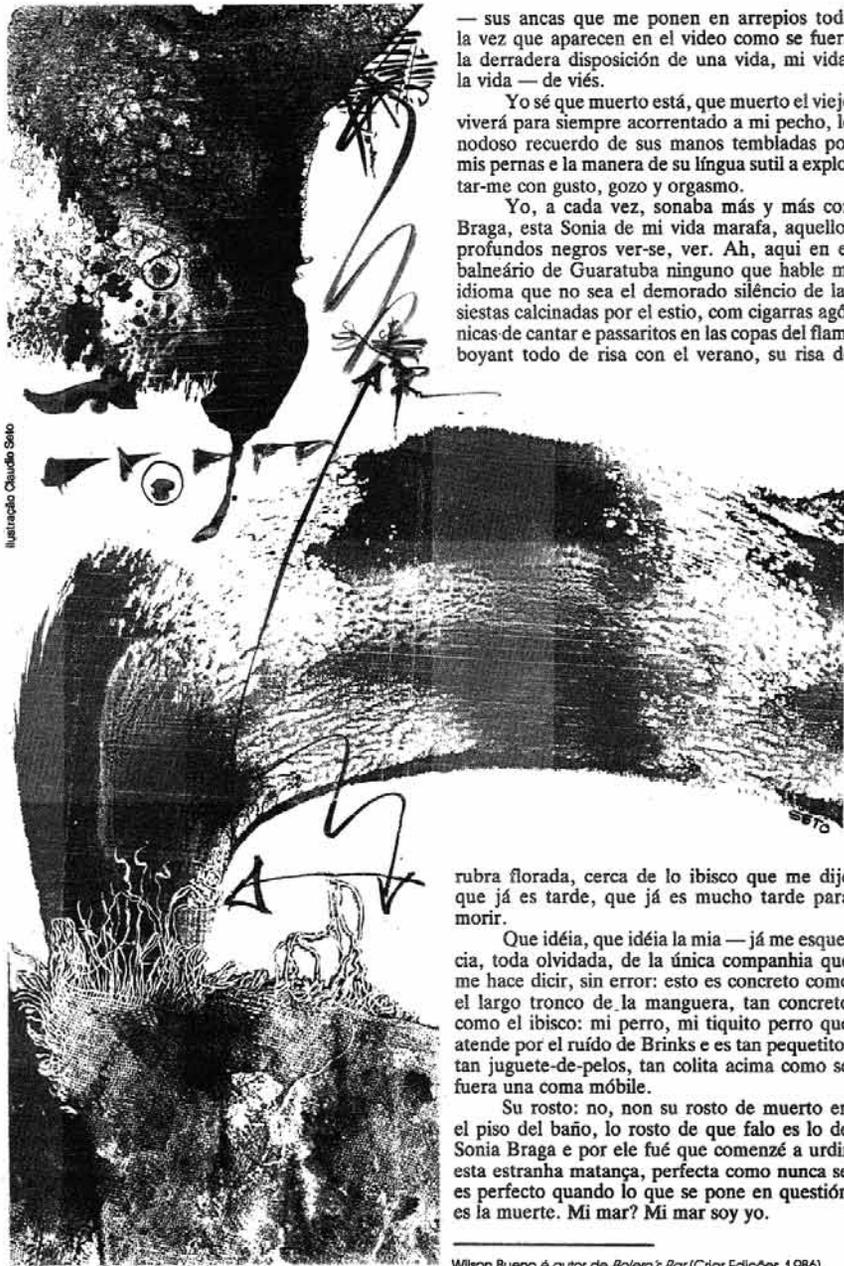


Ilustração Claudio Sato

— sus ancas que me ponen en arrepios toda la vez que aparecen en el video como se fuera la derradera disposición de una vida, mi vida, la vida — de viés.

Yo sé que muerto está, que muerto el viejo vivirá para siempre acorrentado a mi pecho, lo nodoso recuerdo de sus manos tembladas por mis pernas e la manera de su língua sutil a explotar-me con gusto, gozo y orgasmo.

Yo, a cada vez, sonaba más y más con Braga, esta Sonia de mi vida marafa, aquellos profundos negros ver-se, ver. Ah, aqui en el balneario de Guaratuba ninguno que hable mi idioma que no sea el demorado silencio de las siestas calcinadas por el estio, com cigarras agónicas de cantar e passaritos en las copas del flamboyant todo de risa con el verano, su risa de

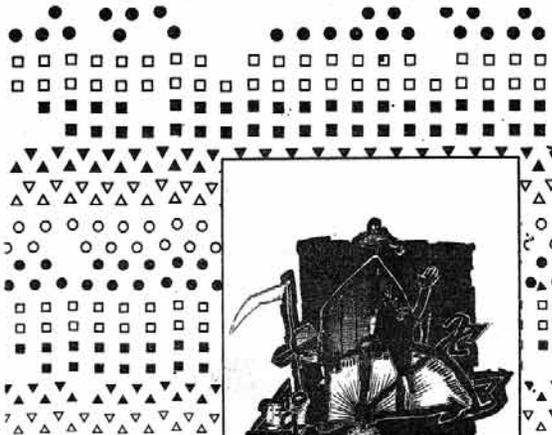
rubra florada, cerca de lo ibisco que me dije que já es tarde, que já es mucho tarde para morir.

Que idéia, que idéia la mia — já me esquecia, toda olvidada, de la única companhia que me hace decir, sin error: esto es concreto como el largo tronco de la manguera, tan concreto como el ibisco: mi perro, mi tiquito perro que atende por el ruido de Brinks e es tan pequetito, tan juguete-de-pelos, tan colita acima como se fuera una coma móbile.

Su rostro: no, non su rostro de muerto en el piso del baño, lo rosto de que falo es lo de Sonia Braga e por ele fué que comencé a urdir esta estraña matança, perfecta como nunca se es perfecto quando lo que se pone en cuestión es la muerte. Mi mar? Mi mar soy yo.

Wilson Bueno é autor de *Botero's Bar* (Citar Edições, 1986)

cartas na página



Parabéns aos editores do jornal *Nicolau*. Ótimo, superinteligente. Adoramos, todos nós, os felicitados com o jornal. Parabéns igualmente à Alice Ruiz, que simplesmente "desacatou" no (excelente) n.º 5, com capa de Poty. Célio Bermim Jr. Londrina-PR.

Adorei. Adoramos. *Nicolau* 5, com capa do mestre Poty, está absolutamente lindo. Parabéns à beleza! Roberto Martins. Maringá-PR.

Nós aqui do *Umuarama Ilustrado*, no qual circula encartado o *Nicolau*, cumprimentamos a toda equipe pelo excelente mensário. Realmente se trata de uma publicação para ser lida, relida e guardada. Referimo-nos ao n.º 5, mas claro que isto é extensivo a todos os n.ºs anteriores. Uma sugestão: que tal uma seção especializada em assuntos jornalísticos? Italo Fábio Casciola. Umuarama-PR.

No famoso cixo Rio-São Paulo, como de costume, surgem os grandes lançamentos culturais. O Paraná-cultura se faz ouvir (e bem) através da voz forte de *Nicolau*. Registro, com admiração, a leitura do n.º 5, com capa de Poty. Antonio Carlos Xavier. Mandaguari-PR.

Muito bom o artigo de Hélio Teixeira, em *Nicolau* 5. Ele bem o disse: abaixo o tacanho paranismo antropofágico. Vamos valorizar o que tem o Paraná. Sucesso. Jorge Baleiro de Lacerda. Francisco Beltrão-PR.

Tomei conhecimento de *Nicolau* através de excelente nota no *Diário Popular*, aqui de São Paulo. Votos de muito êxito ao tablóide. Milton de Godoy Campos. São Paulo-SP.

Parabéns pela permanência de *Nicolau* entre nós. Está aí uma maneira democrática e digna de gastar dinheiro público com cultura. Sua forma de veiculação garante uma versatilidade inédita. Saudações libertárias. José Júlio Azevedo. Cambé-PR.

Viva vocês. Viva nós todos. Viva *Nicolau* que tenho recebido e registrado no meu informativozinho, o *Til Notícias*. Lella Micoles. Rio - RJ.

Parabéns pelo *Nicolau*: um grande empreendimento. Jairo Batista Pereira. Quedas do Iguçu - PR.

Comunicamos que na 50.ª Sessão Ordinária deste Legislativo, foi inserido em ata, a requerimento do vereador Tadeu Felismino, Voto de Aplauso à Secretaria de Estado da Cultura, pelo jornal cultural *Nicolau* — que proporciona um canal de comunicação e discussão entre os intelectuais e a comunidade paranaense. Informamos ainda que foram consignados — na mesma ata — cumprimentos especiais ao escritor e jornalista Wilson Bueno, editor da publicação. Alvaro Grotti (Presidente da Câmara Municipal de Londrina). Londrina - PR.

Estou maravilhado com a seriedade do projeto *Nicolau*. Bom conteúdo, boa forma, arrojo, enfim, o que se quer e que se pede. O que é mais admirável é a abertura a todos os temas; o autor fica solto e diz o que deseja — não é isto o Shangri-lá da imprensa? Luiz Antônio de Assis Brasil. Porto Alegre - RS.

Recebemos, agradecemos e informamos que *Nicolau* está sendo arquivado (e encadernado) na Biblioteca Pública Estadual Estêvão de Mendonça. Rita de Cássia Gonçalves Fiori (Fundação Cultural de Mato Grosso). Cuiabá - MT.

Agradeço e parabeno-os vivamente pelo excelente *Nicolau*. Desejo-lhes sucessos renovados. Miguel Jorge (Secretaria da Cultura de Goiás). Goiânia - GO.

Formulamos os nossos votos pelo êxito sempre crescente de *Nicolau*, dentro e fora do Estado em que é editado, servindo de significativo exemplo brasileiro, a todos, de divulgação e apoio culturais, tal como o Paraná já vem fazendo há longos anos em relação aos concursos literários. Matina Suzuki (Presidente da Academia Barretense de Cultura). Barretos - SP.

Informamos que *Nicolau* passou a integrar o acervo da Hemeroteca, setor da Biblioteca Pública do Ceará, e muito nos honra continuar recebendo os exemplares dessa publicação que só aplausos merece. José Maria Barros de Pinho (Secretário de Cultura, Turismo e Desporto do Ceará). Fortaleza - CE.

Nicolau passou a ser, desde já, espelho e reflexo da (enorme) riqueza cultural do Paraná. Angela Gutierrez (Secretária de Estado da Cultura de Minas Gerais). Belo Horizonte - MG.

Registro, com satisfação, o recebimento de *Nicolau*, jornal editado por essa Secretaria de Cultura. Parabeno a todos pela importante iniciativa. Maximiano Acioly Campos (Secretário de Turismo, Cultura e Esporte de Pernambuco). Recife - PE.

Estou colecionando *Nicolau* como quem coleciona bebidas raras. Aliás ele é o fino do fino. Que bossa! Continuem em frente. O Paraná precisa de *Nicolau*! José Ambrósio Almeida. Ubiratan - PR.

Hei recebido *Nicolau*, periódico cultural de gran tiraje. Lástima que no puedo captar el sentido íntegro de los textos en portugués. Por lo demás me parece un periódico revelador del pulso literário y cultural de ese país. Roberto Sosa. Tegucigalpa - Honduras.

Através de matéria em *O Estado de S. Paulo* tomei conhecimento da existência desse jornal e desejo receber sistematicamente seu exemplar, a cada número. Será possível? E como? Fernando Antônio de Oliveira Queiroz. Salvador - BA.

Lendo o "Caderno 2" de *O Estado de S. Paulo* soube da existência do jornal cultural *Nicolau*, editado aí no Paraná. Meu filho mais velho chama-se Nicolau e despertou minha atenção o fato desta publicação ter o mesmo nome dele. Gostaria, pois, de saber como fazer para receber o jornal. André Luiz Baracchini Centola. Ribeirão Preto - SP.

Foi com satisfação que li em *O Estado de S. Paulo* matéria sobre o jornal *Nicolau*, pois trabalho com cultura, no projeto Memória do Chocolate Neugebauer, em Porto Alegre, e projeto Memória Vera Cruz, no MIS de São Paulo. Sou paranaense de Cambará e me chamo Nicolau. Nicolau Lima do Amaral. São Paulo - SP.

Sou diretor de escola e leitor do *Estadão*. Fiquei conhecendo através daquele jornal o *Nicolau* de vocês. Gostaria de recebê-lo. Caso tenha que pagar favor informar as condições. Luiz Moreira da Silva. Lavrinhas - SP.

Li sobre *Nicolau* no "Caderno 2" do *Estadão* e estou escrevendo para perguntar como faço para receber um exemplar regularmente. Fábio Sant'Ana Zimbres. São Paulo - SP.

Todos os nomes (com endereço completo) que nos chegaram até o momento já foram incluídos em nossa lista de assinantes, devendo receber todos os meses, automaticamente, *Nicolau*, que tem distribuição rigorosamente gratuita.

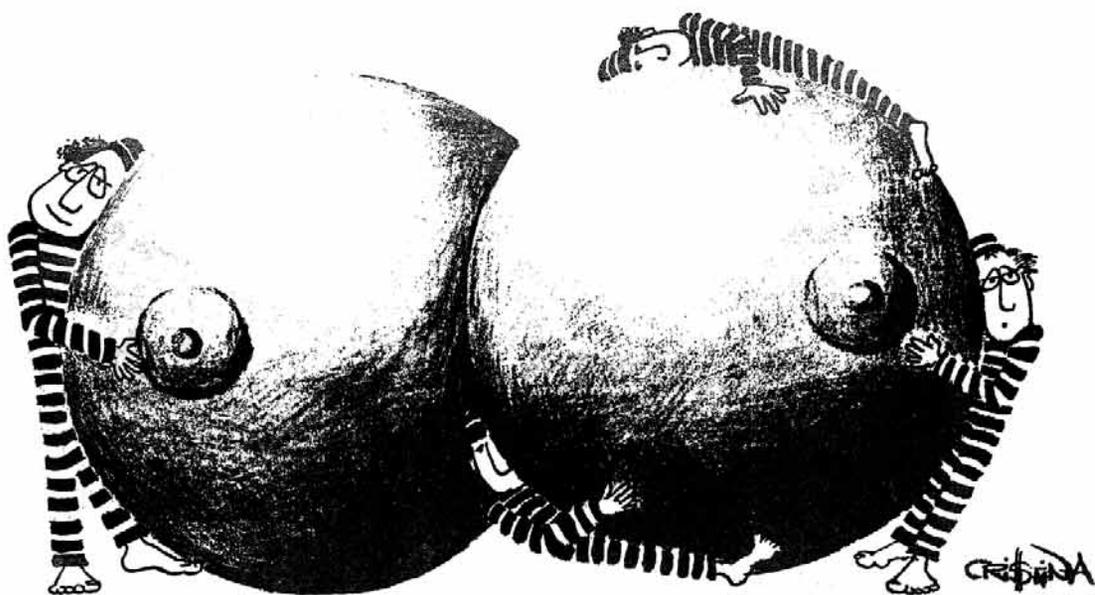


■ As cartas dirigidas ao *Nicolau* poderão, por clareza e espaço, ser editadas resumidamente. Escreva, opine, sugira. Rua Emano Pereira, 240 CEP: 80.410 Curitiba — Paraná.



*Cristina
Fauquemont*

**...EM TEU SEIO
Ó LIBERDADE!...**



SANGRADA família

SÉRGIO RUBENS SOSSÉLLA

um

Pai e mãe nossos que estão no céu, santificados sejam os vossos nomes. Santificados sejam os vossos nomes no céu e na terra. Principalmente na terra, pai e mãe nossos que estão sob a terra. Sejam santificados.

dois

Eu bem sabia: a felicidade é rara. Um instante em nossas vidas. Talvez um irrepitível relâmpago iluminando o céu chumbado numa tarde de verão.

três

Há trinta e dois anos, logo após o jantar e enquanto a chuva trazia um agradável cheiro de terra, jurei conservar intacto o meu melhor presente: aquela minha família simples e querida não poderia perder-se esquecida no passado. A timidez e a gagueira não me deixaram pedir fôssemos os quatro de mãos dadas até o quintal, cantar e dançar para a lua o meu contentamento. Cairíamos exaustos; ajoelhados, agradeceríamos o estarmos assim, para que assim mesmo continuássemos.

quatro

Se a imagem desse conjunto encontraria naturalmente um fim inexorável, cedo eu teria que me apropriar daquele momento e prosseguir vivendo com ele e com ele convivendo quando não mais existisse. Então, de pé, num dos ângulos da cozinha, olhei em torno e aspirei profundamente, agarrando com os olhos tudo o que alcançassem: lentamente, a irmã começa a lavar a louça que a mãe enxuga, ágil nos movi-

mentos do pano de prato; o pai ouve o noticiário esportivo no rádio e folheia o jornal. Música de Gershwin ao fundo. Dentro de mim.

cinco

Os dias passaram dolorosos sobre aquela noite adorada. Dias, meses e anos seguintes. Persistia a lembrança do quadro geral, mas um tanto desfocada no centro da imagem e esmaecida nas laterais. Alterou-se a homogeneidade do movimento dos figurantes. Bafos recentes, riscos e sinais de dedos mancharam a superfície da película. Com a imaginação, que também acrescenta, costurei uns remedos caprichados, quase imperceptíveis. Mas o choro pastoso de um deles me fez estremecer. Ignoro quem seja. Sei, atualmente, como estavam.

seis

Nos regressos iniciais, por intermédio de sonhos, não obtive qualquer êxito: a casa aureolava-se numa floresta de símbolos agarrados em vestígios de palavras flutuantes. Quando eu conseguia decodificar e remover corujas de gesso vermelho, atendia canalhas ligações telefônicas, ovos de minhocas pinguepongando, o filme rebobinado, várias pernas amputadas, bombeava água apodrecida para a caixa insaciável, trens engavetados, saltavam milhares de lápis pretos Johann Faber nº 2 do chão, a ferrugem comendo a bicicleta Pilot, velas teimosas em arder, verbos irregulares nos cadernos escolares, úlceras estomacais estouradas, acordava aqui, no outro lado da vida.

sete

No transporte da auto-hipnose, a distância mais próxima foi a de cinco quarteirões do local. Naquela noite perdi meus sapatos novos na lama preta da rua Augusto Stresser, a roupa encharcada, correndo, feliz. Rezei: que o cão York me reconhecesse. Abri o portão e o avistei: as costelas perfuravam o seu couro. Focinho no meio das patas, ele rolava, rolava. Os uivos, tão espessos e fortes, bloquearam a minha entrada.

oito

Trances mediúnicos me refizeram a vontade. Depois de inúmeras tentativas malogradas, de intermináveis lutas com seres medonhos, de cursos desviados ao infinito, de paragens em regiões habitadas por vertebrados e invertebrados invisíveis, de orações que se multiplicavam no espaço e de chantagens e peripécias com os elementais, a cozinha: em câmara-lentíssima a irmã lava a louça, os dedos gastos a se desprezarem das mãos, louça trincada que a mãe enxuga com o pano de prato desfiado, a mãe enxuga, a irmã lava, trincadas e gastas, a mãe e a irmã lavam e enxugam a louça gasta e trincada; o pai ouve no rádio as estações fora de sintonia e admira suas mãos, o jornal reduzido a poeira em cima da mesa. Irresgatáveis.

nove

Num dos compartimentos do guarda-roupa, no dormitório dos pais, rebrilha um revólver calibre 38. Contra todas as dificuldades e contra todas as tristezas impõe-se a minha volta. Temoz cruzar com o menino nesse caminho.

